



Corpo Docente
Um memorial protesto
(de uma corporeidade
resistente)

Luciana Mourão Arslan

Performance Currículo Latex de 2021.
Foto: Paulo Soares Augusto.

Corpo Docente
Um memorial protesto
(de uma corporeidade resistente)

Luciana Mourão Arslan

Uberlândia-MG
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A783c
2025

Arslan, Luciana Mourão, 1972-

Corpo docente [recurso eletrônico] : um memorial protesto (de uma corporeidade resistente) / Luciana Mourão Arslan. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5173>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Artes. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

Dedico esse memorial docente aos professores
que me orientaram em ambientes acadêmicos:

João Cardoso Palma Filho

(orientador do mestrado em artes na
Universidade Estadual Paulista);

Celso Fernando Favaretto

(orientador do doutorado em Educação na
Universidade de São Paulo);

Richard Shusterman

(supervisor de estágio pós-doutoral na
Florida Atlantic University);

Patricia Chavarelli Vilela da Silva e

Camila Soares de Barros

(orientadoras do trabalho de conclusão de curso
na graduação do bacharelado em Dança na
Universidade Federal de Uberlândia);

Thiago Fernando Sant'Anna e Silva

(Supervisor de Estágio Pós-Doutoral do
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
da Universidade Federal de Goiás).

"Um corpo retém muita luz"

(Me disse o mestre de butoh Tadashi Endo, que
faleceu na semana da conclusão deste memorial)

Agridoce

Neste memorial docente é possível encontrar o que não posso lançar no Currículo Lattes e, no entanto, me constitui como corpodocente. As partes comprometedoras foram todas inventadas e os palavrões têm licença poética. Para os interessados em produção acadêmica stricto sensu: meu Lattes é grande e está disponível¹ (na própria plataforma). A produção do Lattes aparece nas notas de rodapé enquanto a corporeidade está em primeiro plano.

A escrita, aqui, é ensaística, performativa², assim como esse memorial também é dançado e desenhado: afinal, eu penso artisticamente,

¹ Acesso ao Currículo Lattes de Luciana Mourão Arslan, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5399813319581612>, Acesso em: 2 jun. 2025.

² Eu tenho trabalhado com essa questão de uma escrita mais performativa desde que fiz um estágio de 40 dias (durante minhas férias) no Dentro em Movimento (c.e.m) de Lisboa. Lá no c.e.m experimentei muitas formas de escritas, as quais incluíam o movimento e um modo de estar mais dançante. Desde então tenho organizado muitos livrosdança, um deles inclusive foi publicado nesse ano, com financiamento do Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Uberlândia (PMIC): ARSLAN, L. M.; NUMER, C. P. **Dizer inteiro sem nenhuma palavra (um livrosdança)**. Uberlândia: Sabiá Livros, 2025.

penso-sinto com e através das experiências artísticas, estéticas e corporificadas. Isso é o que tenho estudado: meu método é condizente com uma escrita performativa.

É importante não perpetuar o processo de **auto-invalidação e auto-rejeição** da pesquisa em Arte alimentado pela prática de sempre utilizar metodologias de outros campos (mais legitimados) para fundamentar o que pensamos no campo das Arte³.

Também, a escrita deste memorial coincidiu com a minha saída para realizar meu segundo pós-doutorado. E as minhas primeiras leituras do pós-doutorado (de Antonio Bispo dos Santos⁴) **confluenciaram**⁵ com a escrita deste memorial. Nêgo Bispo chama o saber acadêmico de um saber **escriturário**. E é. Mas eu tentei me defender aqui, colocando um pouco de corporeidade, de arte (reconhecendo que a arte no meu contexto

³ FERNANDES, C. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração. *ARJ - Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 76-95, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>. Acesso em: 2 dez, 2024.

⁴ SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2023.

⁵ Confluência é um termo/conceito que Antonio Bispo dos Santos utiliza para se referir ao encontro de diferentes e que resulta num todo diverso, ou seja, nem tudo se mistura, mas é possível que se mantenha uma coexistência diversa.

institucional também é pressionada a ser arte descorporificada e escriturária).

Durante o pós-doutorado, eu havia programado três meses de residência na região Nordeste do Brasil, onde queria experimentar o ensino de capoeira, o côco e outras corporeidades, que se fizeram presentes também nesse memorial, já que não é possível despir-me do meu corpo para pensar e escrever.

É importante apresentar o contexto desta escrita, o qual tem uma corporeidade integral como protagonista do discurso. Até mesmo explicitar que, durante esta escrita, fui assistindo muitas palestras acadêmicas sobre a menopausa que vivia e descobri que a menopausa é bastante ignorada na academia. Segundo Mary Claire Haver⁶, a menopausa é assunto que ocupa, em média, uma hora em cursos de formação de Medicina, apesar de seus sintomas serem responsáveis por muitas

⁶ Mary Claire Haver é especialista em obstetrícia e ginecologia, certificada pela Sociedade de Menopausa (anteriormente Sociedade Norte-Americana de Menopausa (NAMS), especialista certificada em medicina culinária, empreendedora apaixonada e autora de best-sellers com foco em saúde feminina. A Dra. Haver se formou no Centro Médico da Universidade Estadual da Louisiana e concluiu sua residência em obstetrícia e ginecologia na University of Texas Medical Branch (UTMB).

Ela defende a reposição hormonal e argumenta que os estudos acerca de tal reposição na menopausa foram feitos de maneira inconsistente, porque inclusive a utilização de placebos poderia ser facilmente revelada ao sumirem os chamados fogachos.

mulheres abandonarem seus postos de trabalho – como indicam pesquisadoras da Inglaterra e da Austrália, as quais citam até 30% de abandono de postos de trabalho, em decorrência dos sintomas da Menopausa⁷. Eu facilmente poderia estar dentro dessa estatística, mas estou escrevendo este memorial entre altos e baixos de uma intensa variação hormonal, a qual, inclusive, me convidou a fazer uma avaliação cognitiva com uma neuropsicóloga, por achar que eu estava com algum déficit cognitivo: a sensação de desacerto é tanta que realizei uma bateria de exames, por mais de 20 horas, com uma neuropsicóloga, principalmente pelas dificuldades em lidar com os sistemas da universidade. A avaliação apontou altas habilidades; o problema então deve ser dos sistemas.

Apresentar nessa escrita uma corporeidade, considerando meu corpo vivo, senciente-pensante, é condição primordial para uma formação somática do docente/discente. Estou ciente que trazer tais questões (que ficariam ocultas) para um memorial é quase um ato subversivo: por tentar mostrar um

⁷ A Dr. Mary Claire tem disseminado saberes da menopausa no seu site e em inúmeras entrevistas e palestras. Disponível em: <https://maryclairewellness.com/provider/dr-mary-claire-haver/>. Acesso em 2 jun. 2025.

conhecimento tácito – que não está explícito, difícil de se traduzir em palavras.

E se aqui exponho mais as questões que me afligem, e que não abrilhantam como as linhas de publicações do Lattes, não é por ser frustrada na carreira docente. Não sou, cada dia mais, amo poder pensar, escrever, fazer as coisas que posso na minha carreira, como esta escrita. E desejo construir um caminho que possa modificar essa anestesia corporal que observo-sinto nos ambientes de ensino. Acredito que sou muito necessária num contexto de corpos tão dóceis e adoecidos.

Dou ênfase à dimensão somática na carreira porque tenho essa questão da corporeidade como essencial para as relações educativas. Não se trata de escancarar a minha personalidade e sentimentos, de fazer um exercício narcisista egoísta, mas, sim, de mostrar quais convites corporais as instituições, especialmente a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), me fizeram e fazem. A Instituição é formada por pessoas de carne, ossos, sensações e sentimentos.

Agora! Eu nem sempre pensei o que penso agora. Eu me lembro de reuniões de planejamento de cursos de formação, voltados para professores, nas quais discutimos sobre como era importante

dissuadir os momentos de reclamações dos professores: porque se um professor reclama, o outro tem uma história ainda pior e, ao final, as 4 horas de curso ficam ocupadas com reclamações e eles saem dizendo que não aprenderam nada. Em outras palavras, criávamos estratégias para silenciar o sofrimento desses professores. O compartilhamento dessas reclamações não poderia ser formador? Na **sociedade do desempenho**⁸, reclamações são para os fracassados: são tabu num contexto de tanta positividade, de iguais concordantes e produtivos. Sem falar sobre os problemas não podemos resolvê-los.

Então, confesso que já atuei e alimentei o sistema de ensino-aprendizagem que paralisa, que imobiliza, onde é proibido sentir. Eu já cultivei esse mundo apático. Já fui professora-máquina-eficiente. Hoje, compreendo que as mudanças no mundo só ocorrerão se a educação cultivar o movimento, passar a compreender a dimensão somática do docente e do discente, que

⁸ A **Sociedade do Desempenho**, segundo Byung-Chul Han, substitui a antiga **sociedade disciplinar** por um novo paradigma em que o indivíduo se vê como um projeto, cobrando de si mesmo produtividade constante, eficiência e superação pessoal. Nesse modelo, o sujeito torna-se explorador e explorado ao mesmo tempo, resultando em patologias como depressão, burnout e ansiedade – sintomas de uma liberdade que se torna opressiva por meio da pressão interna por desempenho. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

é necessário ser mais colaborativo, sinceramente comunitário e avesso à uma competitividade inócua.

Após mais de 15 anos trabalhando na UFU, infelizmente, reconheço que o **habitus**⁹, de Pierre Bourdieu (meu primeiro anti-herói acadêmico), não é só um conceito abstrato e que as relações hierárquicas e as lutas de poder que ocorrem por vias tácitas precisam urgentemente ser trazidas à consciência. Eu, acho, que não tenho **sentido jogo**¹⁰ nessa luta simbólica: porque não me interessa essa estratégia de ascensão, e porque prefiro a **tática**¹¹ (de Michel de Certeau), a qual acredita poder transformar as estruturas.

⁹ Em Pierre Bourdieu, **habitus** designa os esquemas incorporados de percepção, ação e julgamento que os sujeitos aprendem no convívio social. No contexto educacional, o **habitus** influencia a maneira como professores e estudantes se posicionam, se expressam e se relacionam com o saber, refletindo desigualdades e práticas socialmente enraizadas. BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

¹⁰ O "sentido de jogo", para Pierre Bourdieu, refere-se à capacidade incorporada que os agentes sociais desenvolvem para agir adequadamente em um determinado campo, sem necessidade de regras explícitas. Esse senso prático deriva do **habitus** e permite que o sujeito "jogue o jogo" social de forma natural, como quem domina intuitivamente as estratégias legítimas dentro de um espaço social específico. BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Marcia Nagem Frota et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

¹¹ Para Michel de Certeau, **tática** é o modo de agir dos indivíduos que, desprovidos de um espaço institucionalizado, utilizam recursos disponíveis de forma criativa para contornar estruturas dominantes. Diferente da estratégia, que é a lógica do poder instituído, a tática é uma prática cotidiana de resistência e reinvenção do espaço social. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Aliás, as aulas de capoeira me fizeram sentir-pensar na prática como existem outras metodologias que se fundam na comunidade, na empatia e no movimento. A capoeira não é só um movimento de pernas e braços, não é ação só músculo-esquelética. Ela tem ética, tem senso de comunidade.

Então, é nesse ambiente agridoce¹² que convido os leitores a protestarem comigo. Porque eu preciso da coletividade e me sinto insegura quando estou só, inclusive propondo esse texto.

E, é possível pedir uma pausa?

Como você se sente agora?



Gostaria que o leitor lesse este memorial com tranquilidade e, conforme explico a seguir, não há sequer a obrigação de ler ele inteiro e nem na ordem, aproxime-se dos textos que (pelos títulos) parecem coincidir mais com seus interesses ou que simplesmente atraem mais.

¹² Uso aqui o termo **agridoce** porque, embora formule críticas, reconheço que atuo em um cenário de docência privilegiado – em uma universidade pública federal – especialmente se comparado às condições enfrentadas por docentes em outras realidades, ou mesmo aqueles que sequer conseguem acessar o sistema público de ensino superior.

Como sugiro que esse memorial-protesto seja lido?

Você pode ler esse memorial na ordem que desejar.

⇒ Escolha quais textos gostaria de ler. Sugiro de 3 a 5 textos. Considere ler os dois primeiros e escolher os demais.

⇒ Defina quantos itens/números e capítulos você gostaria de ler.

⇒ Eu me contentaria com – no máximo – 5.

⇒ Mas assim que escolher seus números, leia-os com o coração.

Sumário

1. Documentação Docente ... 15
2. O sacrifício ... 20
3. D.D.D Docente que Deve sem Desvelafaxina ... 24
4. É proibido errar ... 30
5. Um gato com asas ... 39
6. O desejo de aprender de Maria ... 47
7. O Beiju e o Bijou ... 54
8. Yogamove e a encruzilhada das performances culturais ... 61
9. Uma aula é a representação: de um modo de pensar o mundo ... 77
10. Práticas de Campo, Plein Air e Banhos de Floresta ... 79
11. Práticas performativas, improvisações e travessias ... 85
12. Entre o Mar e o Cerrado ... 92
13. Os Museus ... 101
14. Estágio na Graduação: Arteiros ... 110
- Referências ... 116
- Agradecimentos ... 120

1.

Documentação Docente

O trabalho docente é efêmero. Porque as experiências são. Por mais que eu guarde fotos, diários e relatos de aulas, é muito difícil ter uma noção do meu trabalho olhando para tais registros, inclusive os tais relatórios oficiais.

Os relatórios de progressão de carreira e diários de sala da universidade pedem números, conteúdos conceituais, valorizam a quantidade de produção e não dizem nada sobre as vidas: são, na maioria, escritas impessoais, na minha opinião. Escritas descorporificadas.

Recebo, a cada semestre, duas turmas... por ano, cerca de 4 turmas, uma média de 70 alunos, só na graduação. Oriente, quase todo ano, o dobro de estagiários do que a norma da Universidade determina. Nos projetos de extensão universitária,

o número de alunos triplica. Só na Universidade Federal de Uberlândia, encontrei muito mais do que dois mil alunos. Duas mil vidas em formação passaram por mim. Os diários de sala presentes nos relatórios de progressão comprovam a passagem delas, mas têm pouquíssima vida neles.

A contrapelo, na contramão dos registros oficiais, fui constituindo uma documentação pedagógica que, na forma de artigos¹³, livros e trabalhos performáticos¹⁴ pudesse melhor abordar as questões focais que me interessavam na formação docente.

Mais recentemente, após aprofundar os

¹³ Três exemplos de práticas docentes minhas que foram transformadas em artigos: ARSLAN, L.M. Coreografias para ler Paulo Freire. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 43, n. 93, p. 175-192, 2025. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/1063>. Acesso em 2 jun. 2025; ARSLAN, L.M. Educação da sensibilidade, dez limões e um balde na mão. Publicação contínua / Dossiê - Caminhar e habitar: arte e educação no espaço urbano (2023): **Revista Digital do LAV**, Jan./Dez, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84111/61766>. Acesso em 2 jun. 2025.

¹⁴ Alguns registros de trabalhos performáticos que se referem a minha experiência docente podem ser conferidos em plataformas onde foram exibidos ou mesmo no meu canal de youtube: DOIS MINUTOS DE BANHO DE SOL, Luciana Arslan e Paulo Soares Augusto, 2021. vídeo (2m). Disponível em <https://rebrota.medialab.unb.br/Dois/>. Acesso em 3 jun. 2025; PARÁBOLA, Luciana Arslan e Paulo Soares Augusto, 2021, vídeo (1 m) Disponível em https://youtu.be/qHAVHs_-Blo?si=RNE-_bR41bkkXb4d. Acesso em 3 jun. 2025; ENSINO REMOTO I: Currículo Latex, Luciana Arslan e Paulo Soares Augusto, 2020, vídeo (1m). Disponível em <https://www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contents/48543>. Acesso em 3 jun. 2025; ACADEMIA, Luciana Arslan e Paulo Soares Augusto, 2020, vídeo-registro da performance (6m). Disponível em https://youtu.be/qHAVHs_-Blo?si=RrK-br_lZmdx00CL. Acesso em 3 jun. 2025; FEMME LIVRE, Luciana Arslan e Paulo Soares Augusto, 2021. vídeo (2m). Disponível em https://youtu.be/Nc5MWIeVMZY?si=9zult0lcZodVu5_g, Acesso em 3 jun. 2025

estudos na área da corporeidade e da estesia, mudei ainda mais radicalmente. Comecei a considerar como documentação o que guardo gravado no meu eu-corpo: as experiências como docente que me constituem e se apresentam na sala de aula.

Eu olho no espelho e vejo que a minha vida passou na sala de aula. A velhice sentida, também é visível na pele, nas rugas, que geram nos discentes cada vez menos admiração (e em toda a sociedade). E a pele derretida não combina com a imagem idealizada de nada na sociedade ocidental, menos ainda com a imagem de uma professora, de uma artista visual, de uma artista do corpo.

Mas será que agora, com rugas, cabelos brancos, pele flácida e em fase de escrever meu memorial docente, eu poderia passar a considerar meus próprios parâmetros para uma documentação pedagógica? Posso valorizar finalmente os registros que se fazem presentes no meu eu-corpo-rugas? Reconhecer a documentação das experiências gravadas no meu corpo-coração-cérebro?

Esse é o registro que acolho e observo: como penso-sinto-movo.

Porque não me interessam mais os pensamentos

desprovidos de empatia; não me interessa reproduzir um modelo educacional cheio de conceitos complexos e ausente de sensibilidade, carente de desejos, um modelo que não promove na prática uma convivência rica em diversidade e respeito.

E as marcas mais fortes no meu eu-corpo não estão relacionadas aos conteúdos que ministrei, não guardo na memória o componente curricular ou o plano de aula! Gostaria de construir um memorial docente repleto de experiências: com as conversas difíceis, os sorrisos, os reconhecimentos, os silenciamentos, os relatos construídos no corpo-a-corpo.

No meu livro **Corpo (sentido)**¹⁵ já falei muito sobre o risco que correm os docentes ao inserirem-se numa estrutura hierárquica e panóptica¹⁶ de controle e disciplina, o risco de tornarem-se eles também uma parte da engrenagem. Uma engrenagem apática, capaz de esmigalhar suas existências.

Os contatos com outros seres humanos, que por alguns momentos expressam-se em suas

¹⁵ ARSLAN, L. M. **Corpo (sentido)**: corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem. Uberlândia, MG: Regência e Arte Editora, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1lk8cxZbSVVCRGhSuDgW-JmWxHe3uUAdjI/view>. Acesso em 3 jun. 2025.

¹⁶ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1998.

particularidades e que revelam toda a diversidade de suas existências, atravessam-nos na vida universitária: experienciar esse contato entre os seres é parte da educação, na qual acredito.

Meu desafio é não anestesiar-me nas instituições de ensino, é promover o ensino de uma atenção acolhedora, capaz de minimizar as violências que surgem nos conflitos da diversidade. Na prática docente, estar presente, com o corpo aberto significa aceitar todas as vulnerabilidades de uma relação deshierarquizada: e isso já pressupõe subversão num ambiente onde os títulos e as posições marcam hierarquias acadêmicas.

Escrever e planejar isso é sempre mais fácil.

2. O sacrifício

De onde escrevo este memorial? Imagine que escrevo meu memorial docente desde uma varanda, com vista para um jardim exuberante, numa casa localizada nas bordas do Município de Cabrália, na Bahia. Com som de mar à noite. Mais especificamente na vila de Santo André, na **Casa Iá**¹⁷, numa **residência artística** intitulada "tomar corpo", modalidade "casulo". Imagino que a leitora/leitor acadêmico deve estar pensando: ahhh que sem-vergonha. Talvez o leitor até sinta uma pequena inveja. Eu imagino isso. Tanto que, para não atrair más energias, devo dizer que vim nas férias, depois de trabalhar duro num calendário de reposição pós-pandemia que não findava nunca.

¹⁷ CASAIÁ RESIDÊNCIA. Instagram: [casa iá \(@casaia_residencia\)](#) · Instagram [photos and videos](#). Acesso em 3 jun, 2025.

E, antes de vir para a Vila de Santo André, quando comentei com algumas pessoas sobre a tal residência, todos fizeram piada:

- Sei bem que você vai estudar muito;
- Vai ter ideias entre as ondas, vai pedir orientação para Netuno!

Qual a ideia que eles possuem de ambiência boa para estudar? Uma neutra? Asséptica e isolada? Mas por que o trabalho, do cientista, do filósofo, do artista, tem que ser isolado? Desprazeroso? Tem que ter sofrimento?

Eu me sinto na tradição do sofrimento. Max Weber dizia sobre isso ser fruto dessa sociedade protestante; também versava sobre a invenção da "vocação" para que o trabalho fosse melhor suportado, a partir da crença de que nascemos para fazê-lo¹⁸. Essa noção de vocação¹⁹ é justamente presente nos trabalhos mal remunerados do artista e do professor. Afinal, se a vocação veio

¹⁸ WEBER, Max. **Ciência e política**. São Paulo, Cultrix, 1985.

¹⁹ Essa questão da vocação foi discutida por mim no trabalho de mestrado: ARSLAN, L.M. **O artista que sobrevive**: Incursões Profissionais dos artistas plásticos paulistanos, recém - formados, no início do novo milênio, sob a orientação do orientador João Cardoso Palma Filho, defendido em 2002. Essa dissertação não está online, mas um capítulo de livro publicado, a resume bem e está disponível online: ARSLAN, Luciana Mourão Arslan; **Formação e trabalho em artes visuais**: a sobrevivência do artista. In: ARSLAN, Luciana Mourão; MELO, Roberta Maira de (org.). **Artes visuais e educação: ensino e formação**. Uberlândia: Edufu, 2017. Disponível em: https://edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_artes_visuais_2017_1.pdf.

de graça e não através do esforço pessoal, não precisa ser remunerada.

O sacrifício.

Emanuele Coccia (Coccia, 2022)²⁰ também comenta o quanto este olhar mais voltado para a morte, do que para a vida, é uma característica do patriarcado na ciência. Uma característica de homens que não pensam sobre o parto, sobre o nascimento ou sobre a metamorfose. Sim, estamos nesse barco e, quando encontro colegas da Universidade no corredor, parece que há uma competição de quem sofre mais, quem está mais cansado, mais angustiado. E depois da pandemia COVID-19, ficou pior.

Porque é preciso sofrer no trabalho acadêmico? A vida toda? E porque eu teria que escrever um memorial de uma paisagem horrível e imersa num cotidiano miserável?

Este memorial-protesto será, dentro do possível, escrito entre aulas de windsurf, capoeira, axé, dança, yoga, lira, banhos de mar e banhos de floresta.

E cochilos. Terei um encontro acadêmico e a produção de mais um Programa Municipal de

²⁰ COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

Incentivo à Cultura (PMIC), de Uberlândia, no meio das ondas também.

Vou me divertir e ter prazer, para escrever sobre o sofrimento, para esquecer o árduo trabalho de tentar ser uma pesquisadora. E serei uma professora, artista que se diverte, que aproveita a vida que lhe resta (após os 50 anos... nem é mais tanta vida assim). Porque a falta de prazer cultivada nos espaços de ensino – ausência do prazer que nasce do corpo – é a razão da minha denúncia.

Terei que mexer na ferida antes. E aí, talvez, só depois poderei fomentar encontros para que os estudantes sintam prazer.

Então, neste memorial existem muitos tumores e humores.

3.

D.D.D. Docente que Deve sem Desvenlafaxina

Hoje, segunda-feira (15 de janeiro de 2024), acordo com o propósito de iniciar uma escrita orientada-reflexiva do memorial que devo submeter para me tornar uma professora titular. Um ano antes da sua entrega.

Tenho anotado muitas ideias sobre como apresentar o memorial de forma mais criativa: escrever capítulos na plataforma do **SEI (Sistema Eletrônico de Informações)** – que é uma plataforma de processos impessoal, desenvolvida para servidores públicos registrarem todas as suas tarefas e demandas. Também pensei em fazer um panorama das minhas performances que tratam da carreira docente e, ainda mais, eu poderia fazer um vídeo por categoria (pesquisa,

extensão e ensino) para garantir a aprovação.

Também tenho planejado fazer muitas performances e um novo curso de extensão focado na mobilidade do docente, como parte deste memorial. Sou um mar de ideias!

Acordei com a demanda hoje de iniciar a escrita deste memorial, mas meu peito está apertado. Tento abri-lo enquanto escrevo. É uma sensação quente lá no meio do tórax, junto da qual, quando a identifico, reconheço também batimentos cardíacos acelerados.

Isso é uma constatação somática de angústia.

Reconheço e procuro fazer respirações lentas enquanto escrevo. Uma frase, uma longa respiração.

Não. Eu não sinto angústia por ter que escrever este memorial, assim como não senti angústia alguma em escrever a tese de doutorado, o texto do mestrado ou livros. Eu não me angustio ao ver um processo de trabalho à frente. Eu fico angustiada diante de tarefas que não me sinto capaz de resolver. É como se tivesse que dirigir um carro agora, sem saber, sem ter habilitação. É como se tivesse que dirigir hoje, mas a carteira de motorista depende de um longo processo que não se faz disponível para mim, no agora.

Me angustiaram as várias tarefas antes de iniciar a escrita do memorial, elas me deixaram assim, com o peito apertado. Inclusive as que não consegui fazer.

Eu tenho que acessar o portal docente. Ele não abre no meu computador mais, pois é preciso um **VPN – Virtual Private Network**. Liguei para o técnico privado para arrumar o meu laptop e ver se é possível instalar o tal – uma vez que a Universidade não me ajuda nisso. Eu entrei no SEI, a senha... onde está mesmo a última senha? Achei. Verifiquei se o meu processo de pedido de licença para pós-doc estava tramitando, abri a terceira carta convite postada. Não foi visualizado. Devo enviar um e-mail? Porque sempre dizem que estou fora do prazo, ou que o sistema não funciona. Eu preciso postar plano de trabalho hoje e até a semana que vem meus planos de ensino, no Excel, que me faz sofrer. Abri os e-mails, vários e-mails com documentos sobre a próxima reunião de área que apontará novamente uma tabela de assunção de cargos. Por um ano reeditam as regras e lançam listas com classificações numéricas complexas para definir as novas chefias que ninguém deseja. As tabelas são feitas por um professor, o qual realmente

parece ter a habilitação mais adequada para o cargo que exige tantas atualizações em sistemas estranhos à minha formação. Desisto de ler todos os documentos diante de um calor da menopausa que parece ser um sutil termômetro para medir meu estado de tensão (mesmo que inconsciente).

Está tudo bem se você teve o desejo de pular esse último parágrafo.

A cada pequena tensão, o meu peito aperta tanto que as minhas costas se curvam como se fossem apoiadas no meu abdômen e uma nova onda de calor da menopausa se apresenta... Isso não seria um dispositivo inteligente demais, essa tal da menopausa? Ondas de calor para apontar tensão excessiva: muito desenvolvido esse sistema. Fácil de lidar, até.

Ocorre que decidi iniciar este ano sem remédio psiquiátrico. Eu retirei o Desve no início do ano.

Desve (succinato de desvenlafaxina monoidratado) é indicado para tratamento do transtorno depressivo maior (TDM, estado de profunda e persistente infelicidade ou tristeza acompanhado de uma perda completa do interesse pelas atividades diárias normais).

(citação da bula)

No ano anterior, e desde que, após a pandemia, fiquei praticamente sem férias, eu comecei a ter crises de nervos todo fim de semestre. Fui ao psiquiatra e ele culpou a menopausa. Eu culpei a UFU, porque é quando o trabalho se inicia que recomeçam as ondas de calor, o batimento acelerado, a angústia.

Depois de pagar algumas vezes o psiquiatra, e tendo meu salário defasado e sem correção, eu decidi ir à psiquiatria da UFU. Ela queria dobrar a dose do remédio e me passou outro. Sem saber dos riscos, pois meu lazer principal é fazer atividades acrobáticas... as quais, segundo meus estudos, me ajudam a pensar-mover melhor.

Com a medicação, eu virei uma autômata. A docente automática e anestesiada que critiquei no meu livro **Corpo (sentido)**, escrito em 2020.

O psicólogo da UFU me confessou que a abordagem da Divisão de Saúde do Servidor é a tradicional: faça o que for preciso para que o trabalhador suporte todas as injustiças e desajustes do serviço público. Ele foi claro: a instituição que te faz adoecer não irá te curar. Um moço jovem e sincero.

Como é angustiante ter que fazer algo e não ter recursos suficientes. Me sinto assim

na Universidade, quase diariamente: diante de demandas que não posso resolver.

Respondo dois e-mails de alunos perguntando sobre as aulas.

Tento ler os documentos da reunião a qual não irei. "Eu não dou conta", como dizem por aqui.

Também não consigo digerir o que como, tenho quase que uma diarreia e um enjoo.

Vou comer uma maçã antes do almoço?

Devo levantar um pouco. Minha bunda dói.

E devo agora, sem Desve.

4.

É proibido errar

Eu pensei em trocar meu nome. Colocar um neutro: Luc. Meu primeiro apelido no clube onde passei minha infância era Luck e, às vezes, me chamavam de Luck Louca. Veja só. Desde cedo já me chamavam de Louca. Minha amiga dessa época ainda me chama assim, mas ela escreve Luqui quando fala comigo por mensagens. Luqui Luck Luc. Estou pensando nisso. Nessa troca. Eu preciso ver como funciona o nome social.

O contato com outras gerações é muito bom. E, como não sou mãe, é como docente que me atualizo de algumas questões. Entro na sala, vejo um aluno de barba, me refiro a ele e ele me corrige: sou ela, meu nome é Sofia. O rapaz barbudo é Sofia, mas tem uns que são Niev, Plits, uns nomes neutros. Adoro essa disseminação de **a-gender** e o reconhecimento dos **não-binários**. E isso agora está bem forte. Usar pronomes exige muita atenção e memória.

Depois da pandemia de 2020, o debate acerca do gênero se acirrou entre os **alunes**, o qual me fez compreender como que eu fui uma jovem não-binária e tive violentamente que me encaixar no feminino disponível. Meus ídolos eram homens e eu me vestia como eles, sempre fui forte, briguenta e parruda. Então achavam que eu era lésbica, mas não era. Era algo que não era nomeado ainda. Não existia esse leque todo de LGBTQIAPN+. Era só LGBT. Com HIV e sem PrEP²¹. Tudo restrito e perigoso. Mortal. Meu professor querido, de modelo vivo, o Flávio, da ETEC (Escola Técnica Estadual) Carlos de Campos, morreu de Aids.

Eu não uso aqui uma linguagem neutra porque, além de me sentir não-binária, sou disléxica. Me custou muito aprender essa norma aqui e precisaria mais um longo tempo para aprender a outra. Mas confesso que o uso do pronome feminino me agrada, como ocorre no inglês. Tentarei isso. Minhas alunas me ajudaram a olhar para essa questão.

É a vantagem de se ter esse trabalho como

²¹ A PrEP, ou Profilaxia Pré-Exposição, é uma medida preventiva contra o HIV que envolve o uso contínuo de medicamentos antes de possíveis exposições ao vírus.

docente. É o bônus de ministrar aulas para jovens, ainda mais no campo das artes. Eles te melhoram.

Mas as atualizações só parecem disponíveis para as alunas. Eu, enquanto não mudar o meu nome, serei tratada como a professora, mulher, louca e histérica. Ah, devem dizer mal amada também, e talvez velha.

E tenho performado as crises histéricas, que me dão grande prazer, quando a situação se torna insuportável. Eu não deveria ter descoberto essa coreografia da histeria porque parece que agora ela é um sulco na minha existência diária: o surto está sempre ao meu lado.

Da última vez que surtei, foi porque pedi para usar o computador da secretaria de curso para corrigir uma nota, já que o meu não tem o tal **VPN (o tal Vingança Por ter Nascido)**. A coordenação me respondeu **docemente** que eu não poderia usar mais o computador da secretaria e nem ocupar as secretárias com minhas dúvidas. Educadamente, me disse isso, numa manhã, quando eu estava já de férias, tentando corrigir uma nota errada.

Tenho muita documentação como essa: tenho várias. Mas esse aqui não é um processo judicial, o qual requer provas, ou, ainda não. É só um caso

de uma professora histérica, louca e reclamona. MIMIMI (como dizem) RE-CLA-MO-NA!

Nesse dia em que fui proibida de arrumar a nota na secretaria, eu surtei. Em casa. Chegaram as mensagens no grupo de WhatsApp do prédio. Meu vizinho saiu no corredor assustado e me ajudou, ele é professor também, na mesma universidade, e como ele tem o VPN (**Vizinho Poderoso e Niilista**), em dois minutos me emprestou seu computador e resolvemos o problema. Também me relatou que desde que esqueceu seu carro sem freio na Universidade, de tão nervoso que estava um dia, decidiu (após ver que seu carro foi parado por um muro e que ninguém se machucou), que não se afetaria mais pelos problemas do trabalho docente na universidade.

Essa história, do carro ir de encontro ao muro, me lembrou do trabalho da Yoko Ono²², o qual convida as pessoas a procurarem um muro, parar diante dele e gritar com todos seus pulmões.

Faço isso com alunos às vezes (os que querem, é claro).

²² Yoko Ono, artista da arte conceitual e da performance, utiliza o grito como gesto radical de expressão, resistência e libertação. Em obras como **Voice Piece for Soprano** (1961), convida o público a gritar – ato que rompe o silêncio imposto, abrindo espaço para o corpo-em-voz como potência política e sensível. ONO, Yoko. **Grapefruit**. Nova York: Simon & Schuster, 2000.

Mas eu já surtei na Universidade, sem o aval da Yoko Ono. Um risco enorme.

Surtei no edifício em que ministro aula, quando estava vazio, de forma programada, tentando estabelecer um vínculo mais libertador com aquele espaço e diminuir a angústia que sentia ao entrar lá: eu dancei um surto, por dias, no corredor vazio e inspirada por trechos de bell hooks²³ selecionados por estudantes .

Mas a vontade de surtar não passou. Ela aumentou. Fomentada por ser tratada como uma mulherzinha histérica, uma velhinha desatualizada tecnologicamente, desleixada ... infértil e inútil.

Não tive filhos, mas não sou infértil e tive várias provas disso, mas isto aqui não é um processo e as provas aqui, sim, me incriminariam. Não tive filhos porque não quis, com toda a minha força. Porque não queria ser responsável por um "ser" parecido comigo, porque não acho esse mundo viável. Porque nunca sonhei com a maternidade. Porque minha mãe não escondeu nenhuma das dificuldades da maternidade para mim ou porque

²³ Esta ação performática e de improvisação compõe o livro dança: ARSLAN, Luciana Mourão. **Danças para vestir o pensamento**. Invisíveis Produções: São Paulo: 2023. Disponível em https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/danc_as_para_vestir_o_pensamento_14. Acesso em 3 jun. 2025.

sou da geração pós punk, eu não sei. Não sei nem o motivo pelo qual tenho que me explicar por não ter tido filhos.

Meu mal-humor é a minha marca geracional. Sou existencial desde a puberdade. Tentava ler Jean Paul Sartre aos 15 anos, porque era a moda entre meus amigos, não acho que o entendesse. Isso foi bem antes de existir Harry Potter. Minha mãe via os filmes do Woody Allen e eu via mostras inteiras de Fassbinder, Godard, Jim Jarmusch²⁴.

Deve ser por isso que quando pensei que teria que escrever um memorial docente para ser professora titular, eu só pensava nos memoriais que havia visitado: dos mortos. E a ideia de escrever um epitáfio não me saía da cabeça.

Mas confesso que sinto uma enorme vitalidade ao escrever aqui minhas reclamações – livremente. É como se estivesse lá de novo, com o livro Sartre, aos 15 anos, deitada no carpete cheio de pulgas do Centro Cultural São Paulo, esperando um show das Mercenárias²⁵. Me sinto

²⁴ Os cineastas Rainer Werner Fassbinder (1945-1982), Jean-Luc Godard (1930-2022), Jim Jarmusch (1953-) e Werner Herzog (1942-) marcaram a minha juventude, graças ao meu amigo (desde a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos) Alexandre Bassaglia, o qual trabalhou em diversos cineclubes de São Paulo e conseguia liberar entradas gratuito para os amigos.

²⁵ As **Mercenárias** foram uma banda punk paulistana dos anos 1980, formada por mulheres, conhecida por letras críticas ao autoritarismo, ao machismo e à repressão social, tornando-se referência na cena musical

tão aliviada de poder ser azeda com as palavras: de não ter que ser positiva, nem boazinha e nem produtiva. Feliz e contente em poder ser triste e aborrecida. Será que ao menos no meu memorial poderei ser eu mesma? Poderei desobedecer esse mundo encantado? Sair dessa produtiva caixa de alegria?

Nunca imaginei ser proibida de pedir ajuda na secretaria do meu espaço de trabalho. Ajuda. Proibida de pedir ajuda. É proibido errar. Eu passei num concurso entre vários candidatos, não pode ser que eu não saiba trabalhar, não pode ser que eu não possa aprender dentro de uma instituição educativa.

Voltemos ao surto e às minhas crises históricas.

Eu tenho vontade de gritar nas reuniões e fico passando filmes na minha cabeça de como seria gritar muito (até perder a voz) nas reuniões de área. Mas se fizer isso serei ainda mais histórica, então tenho que controlar o desejo. Assim como controlei as lágrimas de emoção durante toda a minha vida... porque as lágrimas me saem com facilidade (em risadas e

alternativa e feminista da época.

emoções singelas), e sempre tenho que arregalar meus olhos, sem piscar, para que eles sequem logo e não gerem estranheza de ter lágrimas visíveis escorrendo dos meus olhos.

Agora, aos 50 anos resolvi chorar em público, estou fazendo isso com maior frequência. Controlar as lágrimas me dava dor de cabeça antes... e agora surgem mais os calores da menopausa, porque o calor aparece nas mínimas e sutis tensões.

Sentir as lágrimas escorrerem, dá alívio. Como se as lágrimas lavassem os pensamentos. Por isso não me adaptei com o remédio anti surtos (O Desve), porque ele inibia a produção de lágrimas – inclusive as lágrimas das gargalhadas: sim, eu sou uma infeliz que gargalha muito.

Sem poder surtar nas reuniões e sem tomar o remédio anti surto, então não vou nas reuniões. Sou a louca que agora falta nas reuniões.

Eu parei para comer... Cortei o pepino, o tomate. Acabou o azeite. Fiz molho de mel e limão. Salada perfeita, fui cozinhar feijão branco para amanhã, deixei de molho antes e coloquei o feijão na panela normal. Porque tenho medo de panela de pressão. PORQUE PODE EXPLODIR.

Me perguntei: Será que vai demorar muito?

Antigamente não tinha panela de pressão e o povo cozinhava feijão... Quando a panela de pressão foi inventada? O que é a espuma que sobe quando cozinhamos o feijão branco? (Olhei na internet essas questões que brotam o tempo todo na minha cabeça, eu sou uma máquina incessante de perguntas, que são fruto da minha profissão).

Como alguém pode achar que a vida profissional não interfere na vida pessoal e vice e versa? Como poderíamos ser tão fragmentados?

Como alguém poderia desejar que o meu memorial docente fosse a apresentação de um LATTES ILUSTRADO E COMENTADO? QUEM DESEJARIA LER UM CURRÍCULO LATTES COMENTADO?

5.

Um gato com asas (em memória de Jorge Carvajal)

Sim, eu lembro de professores incríveis. Pensar sobre eles é antídoto para a minha escrita magoada.

Lembro de Jorge Carvajal²⁶, professor de desenho técnico. No curso oferecido por ele, eu, matriculada por obrigação, sustentava pouquíssima expectativa já que o desenho técnico e a geometria eram algo que me lembravam precisão, matemática, réguas, limpeza gráfica e muitos outros pontos obscuros da minha existência.

Carvajal era um homem enorme, gordo e

²⁶ Jorge Aristides de Sousa Carvajal, foi muito bem descrito no texto de Geraldo Vespasiano Puntoni, ver: PUNTONI, Geraldo Vespasiano. "Vamos dizer que está tudo bem para não ter de explicar!". *pós*, v. 18, n. 30, São Paulo, dez./2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/posfau/article/view/43760/47382>.

profano: dava aula na Faculdade Santa Marcelina e falava mal dos católicos, das freiras e criticava a igreja com muita propriedade, pois já tinha sido seminarista. Eu odiava as freiras, mas não sabia exatamente o motivo, então era bom ter alguém criticando-as por mim, alguém que tinha explicação para minha aversão.

Sentia que as freiras eram rudes comigo. Elas quiseram me expulsar inclusive da faculdade. Na época, eu pinteí com cor fluorescente os cristos que enfeitavam a parede dos ateliês maravilhosos da faculdade. Fui denunciada. Os professores, num conselho, me defenderam. Disseram que me ajudou também a obra do Léon Ferrari, (um artista argentino que colocou um cristo crucificado, amarrado num aviãozinho de plástico, em um de seus trabalhos). A minha intervenção juvenil foi, além de nada inédita, pautada na História da Arte. Por sorte escapei do vexame de uma expulsão.

Mas, voltando ao profano Carvajal, lembro que ele, na primeira aula, versou sobre a Perspectiva, sobre a proporção áurea, sobre Fibonacci. E fizemos um desenho complicadíssimo de perspectiva. Mais que isso, ele mergulhou a minha cabeça num poço de mistério e de crença sobre a capacidade

humana. Ele falava sobre homens do século XV que conseguiam pensar sobre uma estrutura matemática que estava presente no crescimento do bebê, na coluna vertebral, no crescimento de uma árvore e até na sequência das ondas do mar. De repente, aquele mundo caótico que eu habitava aos 18 anos passou a ter sentido. Eu enxugava as minhas lágrimas, durante a aula, porque toda aquela capacidade de refletir sobre como pensar o mundo através do desenho me impactava. E foi então que tive aulas emocionantes de desenho técnico.

Para além de suas aulas-performance²⁷, o professor Carvajal criava tarefas de casa que ocupavam toda a nossa semana: pareciam charadas. E ele dizia que não haveria desculpa para quem não fizesse. Me lembro da tarefa de criar/desenhar/ projetar um gato com asas. Foi, acho, depois de falar muito sobre Da Vinci. Durante a semana toda perguntávamos uns aos outros: você

²⁷ No capítulo 2 do livro **Corpo(sentido)**, escrevi um capítulo dedicado às performances-aulas. Apresento a **lecture performance** como uma estratégia didático-pedagógica que integra o corpo como meio de conhecimento e expressão de artistas e professores: artistas como Andy Warhol, Joseph Beuys e Esther Ferrer utilizaram a performance-arte para questionar e expandir os limites da educação tradicional. Mas também vemos muitos professores, como o Jorge, que possuem tal natureza mais artística e performática em suas aulas. ARSLAN, L. M. **Corpo (sentido): corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem**. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2020.

já projetou seu gato com asas? E ninguém sabia como fazer aquela lição de desenho técnico. Porque ele queria um gato que voasse mesmo. Os estudantes que tinham feito não diziam como: era como se tivessem achado a poção mágica. Suas propostas pareciam coisas de bruxo.

Ainda sobre o gato com asas, saí pela tangente, recortei o papel manteiga, misturei asas e penas abstraídas com o lápis. Ele sugeriu que aquela foi uma solução subjetiva demais, que devido à subjetividade do meu desenho eu não permitia críticas. E cada desenho, um a um, ele foi comentando, nos fazendo pensar sobre qual o sentido de desenharmos. E nos convidava a pensar sobre como o desenho podia criar helicópteros, homens voadores e gatos com asas. Foi com ele que aprendi sobre o desenho-pensamento. Ele me apresentou a dimensão poderosa do desenho, de inventar mundos. E acho que ele não passava uma aula sem citar os projetos de Da Vinci.

Ele lembrava o meu pai, porque era enorme, estrangeiro e com sotaque. E podemos admitir que algumas questões muito pessoais e subjetivas nos aproximam de professores.

Mas aquele homem, que tinha formação em arquitetura e dava aula em todos os cursos de

Artes da cidade de São Paulo: Decoração (Eade), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Belas Artes, Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), Faculdade de Arquitetura de São Caetano, Escola da Cidade, Escola de Comunicação e Artes (ECA) e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) parecia a personificação da sabedoria.

E o sábio andava de ônibus. Eu ia caminhando (seguindo ele) até o ponto, aproveitando cada minutinho daquela presença-mestre.

Com o Jorge Carvajal era assim: eu o esperava na porta da faculdade e o seguia até a sala e depois até o ponto de ônibus, e uma vez até subi no ônibus dele e o acompanhei até o ponto da casa dele, para depois voltar, ainda no ônibus. Aquelas suas palavras eram muito valiosas.

Ingenuamente, eu achava que aprenderia por osmose. Sinto um pouco de vergonha por isso, mas mais do que sair lendo as referências bibliográficas, eu grudo nas pessoas que julgo inteligentes. Convivo com quem me inspira. E acho que aprendo assim.

Na verdade, não sei se aprendo. Mas eu, quando encontro esses mestres sábios, inclusive falo menos, porque tenho vergonha da minha ignorância.

Mas queria fazer um parêntese aqui, queria dizer que sentia um amor enorme pelo Jorge. Ainda sinto. E é estranho isso de amar uma pessoa simplesmente por ela compartilhar o seu conhecimento com você, de forma generosa. Eu sentia tanto amor pelo Jorge que, quando vi que o Jorge morava num apartamento, cuja janela da sala dava para um pátio sem luz, eu chorei. Porque um homem iluminado daquele, arquiteto, merecia habitar a melhor arquitetura do mundo. E morava lá ele e o filho dele, o Luque (que tinha o mesmo apelido que eu quando criança), do qual eu, secretamente, morria de inveja. Porque queria ser eu a filha do Jorge.

Mas veja que, sobre a docência, parece não existir consenso nunca. Eu tinha uma amiga de sala que só conseguia ter medo dele, ela comentava que quando ele chegava próximo ela só via os cravos no nariz dele.

Jorge também dançava, cantava e cozinhava. Num sábado, convidou a mim e ao Sidney Philocreon – um colega de sala, para comer uma deliciosa lasanha de repolho, cortada com as mãos, pois, segundo ele, a faca alterava o sabor dos alimentos. Eu tinha sempre muito apetite para comer comida de verdade nessa época, porque habitava repúblicas.



Um desenho/colagem
feito por Carvajal

Fiquei sabendo que ele ficou doente. Eu devia ter visitado ele. Minha vida foi tão conturbada entre os 18 e os 26 anos que eu não conseguia me organizar para além da minha sobrevivência. Ou, talvez, eu tenha sido muito narcisista. Jorge faleceu. Eu tenho ainda guardado um retrato que ele desenhou de mim: como uma menina verborrágica.

Amava as conversas com ele, mesmo. Mas a presença dele era para além das palavras, era amor.

6.

O desejo de aprender de Maria

Escrevo agora, de uma localidade quente e calma da costa brasileira, situada entre a Mata Atlântica e um mar exuberantemente azul: diria que é um paraíso, não fossem as questões sociais, as quais também a integram.

Decidi ficar por um mês a escrever o memorial, numa residência artística chamada Casulo, na **Casa Iá**, em uma vila chamada Santo André, em Cabrália, Bahia. Em imersões intensas é que aprendo melhor: então aproveitei as férias para ir a essa experiência, na qual o movimento do pensamento é ativado por aulas de capoeira, **windsurf** e danças populares.

Na sexta-feira à noite, o trio afroreggae ia tocar no bar local, chamado Tangerina, e Lula, a proponente/mediadora da residência artística, me chamou para ir lá. Tomamos um **Netuno**, uma

bebida local de gengibre bem doce e alcoólica, e fomos.

Ela sereia e eu jacaré. Minhas costas pendiam para frente, como se eu estivesse derrotada. As roupas que coloquei na mala feita às pressas não tinham nenhuma relação com a ambiência praiana: fui vestida com "roupas de professora de Uberlândia em férias" no bar que era pé na areia.

Lá, no Tangerina, comprei outro Netuno e sentei. Quantas mulheres lindas: mesmo sem desejar me comparar, me senti encolhida, velha e feia. Na mesa ao lado, tinha uma senhora chique, muito distinta mesmo, com vestido preto, camisa branca, e acessórios bem escolhidos. Eu achei que ela poderia ser meio esnobe, mas ela sorriu e começamos a conversar: Maria, o nome dela.

Ela me disse que tinha uns tantos netos em casa e que na sexta-feira era o dia dela se divertir. Eu não resisti e perguntei a sua idade. Ela tinha 50. Então eu disse que tinha quase a mesma idade, sem filhos e sem netos e era interessante pensar como nossas vidas poderiam ser diferentes. Comentei que eu vinha pensando sobre o que eu, uma mulher de 50 anos, poderia ainda fazer e desejar. E que então, conversar com

mulheres diversas, na minha idade, poderia me ajudar a melhor pensar-ser.

E como Maria era-pensava-desejava? Ela me contou que cuidava de quatro crianças, seus netos, realmente como se fosse a mãe: incluindo uma criança pequena de três anos, que ela assumiu desde os seis meses de idade. Essa última, ela pegou na casa da mãe, que é sua filha, em um estado de total desnutrição; segundo ela, a neném parecia com aquelas fotos de crianças da África com os olhos grandes e corpo atrofiado — ela disse que jamais imaginaria ver isso ao vivo. Ela passou a cuidar dos netos, mesmo sem ter a guarda oficial. É a filha que recebe o bolsa família das crianças. Os médicos disseram que a neném mais nova, devido ao estado avançado de desnutrição, jamais se desenvolveria e que ela teria uma vida praticamente vegetativa, sem poder mais movimentar-se. Mas ela, Maria, não quis acreditar e passou meses fazendo massagem na criança, abrindo suas mãozinhas encolhidas como caracol. Levando-a para banhos de rio e mar.

Ela se sente muito grata porque a criança se recuperou, está saudável e com desenvolvimento considerado na média, agora.

Ela também contou que entrou na justiça para

fazerem laqueadura na filha numa próxima vez que ela entrasse no hospital, pois ela soube que a mesma já teve mais uma criança — e ela não poderá, a vida toda, ficar assumindo os filhos da filha.

Eu perguntei o que ela, Maria, gostaria mais de fazer agora, tem desejos? Ela disse nunca ter tido tempo de parar para se perguntar isso, mas rapidamente emendou "ah, mas seria incrível se eu aprendesse a ler". Eu respirei brevemente para responder que isso era muito fácil perto do que ela fazia e tinha feito até então. Aprender a ler não era nada comparado a salvar um neném e educar quatro crianças aos 50 anos de idade.

Só depois eu pude respirar fundo e sentir um aperto passando pela garganta e espremendo o meu peito, fazendo querer brotar lágrimas dos olhos. Desviei umidade interna para o nariz, o nariz, o nariz, o nariz, o nariz. Odeio essa característica, herdada do meu pai, de fazer jorrar lágrimas.

Ela disse que estava estudando sozinha à noite, quando as crianças dormiam. Frente ao que, eu achei que eu poderia ajudar, mesmo sem ser uma alfabetizadora profissional.

Disse a ela que eu poderia tentar, caso ela desejasse e não achasse invasivo. Expliquei que eu era professora, mas não de alfabetização.

Também esclareci que eu era servidora pública federal, e que o meu salário vinha do imposto que ela pagava. Eu queria que não parecesse uma caridade. E de fato não era, era a situação mais adequada de ensino-aprendizagem com a qual eu havia me deparado.

Esqueci que haviam pessoas tão desejosas de aprender.

Sobre desejos, às vezes, na Universidade, eu tenho a impressão que um monte de alunos parecem estar "cumprindo tabela", fazendo mais uma obrigação, mais uma aula, mais um estágio. E eu faço um esforço sobrehumano para atrair a atenção deles, para criar desejo.

O desejo de **aprender de Maria** me atropelou.

E, se eu critico os tempos pouco orgânicos da universidade, crítico a impessoalidade e a anestesia das instituições de ensino, vou ficar reclamando e esperar que toda essa estrutura mude para que eu possa então experimentar novos modelos?

Eu disse que poderia ir lá diariamente após as 20 horas, ela achou ótimo.

Fiz download de umas apostilas do instituto Paulo Freire e começamos juntas: a realizar o movimento, a dança em que realmente eu acredito.

* * *

Saber ser professora.

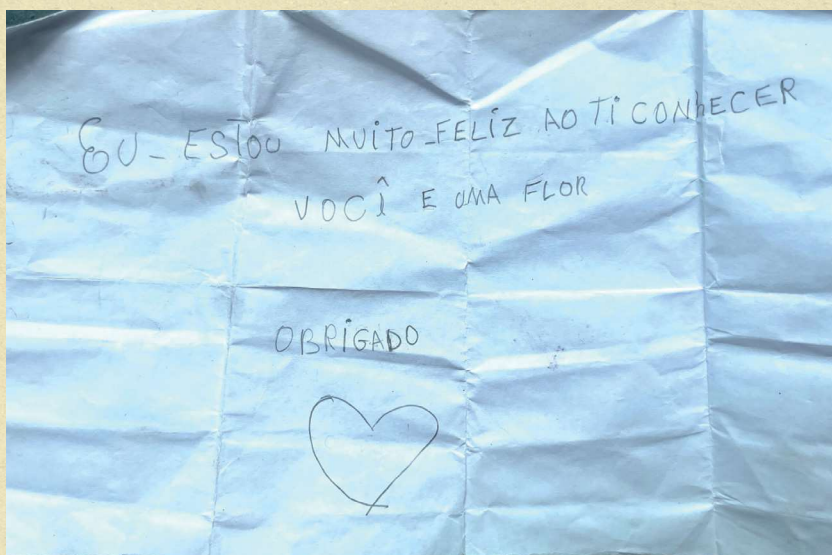
No dia seguinte da primeira aula, encontrei a Maria na praia, ela me chamou de professora e, enquanto eu estava mergulhando no Rio, ela me apontou que deixaria algo na minha bolsa: era um bilhete escrito com a letra dela.

Bilhete/foto.

E, de repente, eu senti uma felicidade em saber ser professora.

Durante toda a minha estadia na vila de Santo André fui dar aulas para a Maria na casa dela, todas as noites. Ela me ensinava os segredos da Floresta, a comunicação com os animais, sua relação de avó com as crianças da casa, as cinco!

Ela era uma bruxa caçara. Cheia de forças. Maria me contou que há cerca de dez anos, teria que tomar insulina, estava com diabetes. Mas ela passou a caminhar por três horas pelas manhãs, entre 4 e 7 horas da manhã, perdeu 60 quilos e se livrou da doença.



Bilhete de Maria

7.

O Beiju e o Bijou

Modos de aprender que se dão fora da caixa (fora da moldura, fora da sala e questionam uma visão taxonômica de ensino) estão cada vez mais presentes nas minhas práticas. Tais formas de aprendizagem, agora, que li o Antonio Bispo dos Santos, identifico, se relacionam também com uma visão de ensino alinhada com princípios decoloniais e contracoloniais, porque a corporeidade já estava na periferia, justamente (ou também) por ser associada a práticas dos "não letrados". É certo que a visão que estrutura a educação e, portanto, as instituições já é por si colonialista e sexista.

No meu segundo pós-doutorado, período que coincidiu com a escrita do memorial docente, me propus aprofundar os estudos acerca da corporeidade na prática docente, considerando novas epistemologias, as quais incluíram também o debate acerca da contracolonialidade.

Por casualidade, de uma troca de residência com uma colega — pude passar dois meses no quilombola, em Sibaúma, onde fui desenhando um currículo de autoformação, juntamente com as leituras e escutas de Antônio Bispo dos Santos.

Não havia, em Sibaúma, cursos para docentes universitários, ou universidades. A aprendizagem se deu, por exemplo, em um dia que passei na roça fazendo beiju.

A mulher que fazia beiju estava vendendo beiju e, quando decidimos comprar, já haviam acabado todos. Ela comentou que ia fazer beiju de novo e, orientada pela dona da casa na qual me hospedei, perguntei se podíamos ajudá-la.

Ela disse que sim. Ofereci gasolina e ela foi nos buscar. A macaxeira já estava hidratada, o Sales, seu esposo, catou coco. Ralamos a macaxeira e o coco; extraímos o leite do coco, misturamos o coco e peneiramos mais duas vezes. Paulo e Sales foram buscar folhas de bananeira, as quais seriam a forma do bijou assado no fogão a lenha. O dia todo passamos neste trabalho. Silas, o neto de Marly, também ajudava, enquanto corria atrás das galinhas.

Num momento de chuva nos abrigamos na casinha de taipa. Uma verdadeira Tiny House

ecológica, talvez distinta das que coleciono no Pinterest. Eu risquei uns panos de pratos para a Marli e desenhei o netinho, o Sales... durante a chuva (e virei a riscadora das sacolas e dos panos de prato do grupo de mulheres que os pintam todas as quintas feiras na biblioteca de Sibaúma). Afirmava o Sales, que era uma casa de caboclo e ele se autodenominava assim: um caboclo. Fui ao banheiro no mato (no mato mesmo), e Marli tomou um banho de caneca, pertinho de nós, sem muito pudor, antes de voltarmos para a cidade.

O Beiju era moldado na folha de bananeira e assado no fogão a lenha. Eu fiquei experimentando coisas que sequer sei nomear, talvez o que aprendi não tem nome mesmo. Ainda.

Tive uma experiência única, no sentido que a comida levava água de coco e o resto da água vinha do rio.

Ademais de todo os registros sensoriais, alguns dos quais meu corpo só processaria posteriormente, de cara, reconheci como aquela experiência era integral:

1. Intergeracional, pois o menino de nove anos estava integrado e alternava suas idas ao navio (um sofá velho no terreno era seu, transformado em um grande barco) com o

prazer de misturar a massa de macaxeira, também sua irmã adolescente se juntou para desenhar comigo e comer o delicioso bijou.

2. Coletiva e solidária (porque o bijou, assim como a pamonha, é uma experiência de muitas mãos, era vendido mas também dado).

3. Em um tempo desordenado, paramos até a chuva parar... um tempo mais orgânico e não métrico.

4. Intenso, envolvendo a prática de todos os sentidos.

Para Marli, eu só podia mandar áudios, porque ela não é da "cultura escriturária", como diz António Bispo do Rosário.

Encontrava Marli na praça e na porta de casa, pois seus familiares moravam na cidade, e ela virou colega, sempre gritava um oi sorridente e me incluía em suas rodas de conversa. Em Sibaúma todo mundo era meio parente.

Um dia ela escorregou na porta de casa. Eu peguei gelo, passamos pomada e eu achei que ela tinha quebrado o pé. Paulo a levou nas costas até a casa de sua filha para ela não pisar na poça d'água com o pé machucado.

Depois, ela me mandou um áudio dizendo que o Silas deu um puxão e colocou o dedão do pé no

lugar. E toda a minha educação somática aprendida na graduação em dança ficou no chinelo do Sales.

O Bijou

A minha infância cosmo-física foi entre a piscina e o carpete, mas minha adolescência foi apertada nos metrô e ônibus de São Paulo. Segurar o xixi por 30 minutos, 1 hora, 2 horas, 3 horas. Na cidade de São Paulo, que eu habitava, não havia banheiro público. Eu não tive certo repertório sensorial. A vida na cidade paulistana tinha tanta gente, tanto de tudo, que era importante se proteger; do mau cheiro, das encostadas no ônibus sempre lotado, do suspeito ao lado mudando a velocidade da caminhada, uma diversidade enorme desprovida de acolhimento.

Eu sempre achei que a cidade de São Paulo havia me ensinado a respeitar, a conviver com distanciamento necessário para evitar violências. Que era uma cidade educadora nesse sentido de oferecer pluralidade e modos de organização coletiva. Mas qual educação é essa? De fazer fila? Pegar senha? Esperar? Esperar em pose bonita e elegante? Esperar muito sem reclamar? De ir trabalhar escalando as grades de

proteção em dias de temporal, pensando em adiar sua morte certa por leptospirose?

Eu sei que o meu eu-corpo é muito bem condicionado para essa tal educação do fluxo urbano. E quando viajamos para as metrópoles, Paulo Augusto sempre ressalta como eu consigo me mover com facilidade, apesar de não saber manejar direito mapas.

Mas reconheço que toda a minha formação é **cosmofóbica**. Termo muito adequado para se referir a essa visão de educação que é completamente separada do ambiente, da natureza, dos outros seres viventes.

Como poderia me despir dessa educação urbana, separada da natureza, que não se relaciona com os outros seres de forma confluyente? E se dou aula em cidades e centros urbanos, não seria essa a educação mais adequada?

Eu me lembro de que, quando fazia meu trajeto augusta-paulista-vergueiro-bexiga-consolação (meus Deus, eu fazia isso muito rápido e era meu **recurso somático dar restart**), na volta, eu queria muito conversar com alguém, ao vivo, uma boa conversa.

Eu me sentava para comer um pedaço de pizza na pizzaria que chamava Violeta ou Violet, algo

assim. Lá eles vendiam pizza em pedaços e serviam taça de vinho nacional e barato, numa taça de vidro. Eu ficava tão feliz com aquilo. Eu me sentia **super**. E então olhava para os lados, imaginando o que estavam a pensar aqueles homens todos.

Eu me sentindo **super**: no bar e restaurante Violeta comendo meu pedaço de pizza com vinho barato. Só havia homens comendo pedaços de pizza. E aqueles caras não vinham prosear comigo. E eu era bonitinha e cult. Muito interessada na diversidade das pessoas. Gostava de ver os outros e imaginar suas vidas e pensamentos. Jogo que muitos fazem quando estão sozinhos (eu imagino). Como será a casa dele? Seu trabalho (...). Eu voltava só, com meu monólogo pessoal e sem conversa. Eu morava em frente ao antigo cineclube Bijou. Um outro Beijo, francês, diferente do Beijo de Sibaúma. Mas como posso (ou terei quê?) me despir dos cineclubes, os quais me ofereciam companhia nos finais de semana solitários? Como me despir das sessões de modelo vivo da Pinacoteca do Estado? Dos espetáculos de dança contemporânea (toda semana tinha algum!!! Dava para ir a pé e era de graça ou baratinho!).

Como eu, uma pessoa totalmente cosmo-fóbica, posso ser útil em Sibaúma? Em Uberlândia?

8.

Yogamove e a encruzilhada das performances culturais

A minha prática de yoga foi intensificada dentro de uma Universidade. No primeiro pós-doutorado que realizei, em 2014, recebi uma bolsa CAPES e, então, tive a oportunidade de frequentar um campus de uma universidade estrangeira por um ano. Assim, para além da pesquisa²⁸ em si, eu

²⁸ Fui estudar a Somaestética, que é um constructo teórico transdisciplinar criado pelo filósofo Richard Shusterman que relaciona a corporeidade em suas várias dimensões com as experiências estéticas. Corporeidade e experiência estética (numa concepção muito próxima a de Dewey) são interdependentes e se retroalimentam, ou seja, a corporeidade é fundamental nas experiências estéticas assim como tais experiências podem aprimorar nossa corporeidade. Para compreender melhor essa pesquisa, sugiro o artigo publicado: ARSLAN, L. M. Ensino de arte na perspectiva da Somaestética. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v.5, n.3, p. 563-575, set/dez, 2018.

fiz questão de frequentar diariamente o Body Mind Center e viver-aprender a vida do campus Boca Raton, da Florida Atlantic University (FAU).

Esse primeiro pós-doutorado ajudou-me a conhecer um outro modelo de universidade: restaurante universitário com opções para dietas variadas, políticas de bolsas diferentes, muitos estrangeiros de todas as partes do planeta e até lidar com uma biblioteca aberta por 24 horas. Lá na FAU, também havia o Recreation & Fitness Center que oferecia hidroginástica, musculação e salas de atividades variadas como: zumba, TRX, box, musculação, yoga e até escalada. Todas essas ações cultivavam no campus uma determinada corporeidade. O fluxo de skates e bicicletas nos espaços ajardinados e com restrita circulação de carros²⁹ contrastam com o fluxo de carros que vivencio na UFU.

As aulas de yoga oferecidas por uma professora nascida na Índia, estabilizaram minha vida solitária no exterior num período em que a maioria das pessoas na universidade já estavam imersas em seus celulares e pouco disponíveis

²⁹ Nesse campus, haviam prédios para estacionamento de carros que ficavam nas bordas, logo na entrada do campus. Me pareceu que ausência de ruas para carros permitia também que cadeirantes pudessem circular com maior fluidez por entre os caminhos planos.

para conversas com estranhos. A professora de yoga da FAU me deu um workshop de presente e encorajou-me a ser instrutora de yoga no Brasil, se esse fosse meu desejo. E era. Ao retornar ao Brasil, após esse estágio, iniciei um curso de aperfeiçoamento em yoga numa escola em São Paulo, mas não aguentei viajar a noite inteira e chegar cedo para ter um final de semana inteiro de aula. Então deixei o curso de São Paulo, logo no primeiro módulo, e passei a fazer outro curso de aperfeiçoamento em yoga na própria cidade de Uberlândia. Concomitantemente, também passei a oferecer práticas de yoga tanto na graduação, quanto em projetos de extensão e pesquisa.

Meu primeiro projeto, o **Yoga no Museu**³⁰, foi realizado no Museu Universitário de Arte (MUNA), quando eu era também coordenadora de ações educativas do Museu. Este projeto contava com uma bolsista de Iniciação Científica: a pesquisadora Emyli de Sousa³¹, que já era praticante experiente

³⁰ Segue uma divulgação do projeto (lembrando que eu mesma fazia todo o trabalho de enviar press release para os canais de divulgação na cidade): Grupo Somaestética. Vídeo (3:54). Disponível em https://youtu.be/B4V9Or-VxWn8?si=7KeB4hmHLi_vRI9L. Acesso 4 jun. 2025.

³¹ A Emyli de Sousa Soares era uma praticante de yoga muito mais experiente que eu, e estava a pensar o yoga em conexão com outras áreas. Posteriormente ela realizou um TCC na Psicologia intitulado "O yoga como prática complementar no tratamento de transtornos alimentares" Orientada por Leonardo Gomes Bernardino.

e unia os seus estudos de yoga a sua graduação no curso de Psicologia.

O projeto consistia em oferecer prática de yoga e apreciação das obras expostas no Museu. Sempre planejávamos posturas que se relacionavam com algumas obras ou com a concepção geral da exposição. Por exemplo, se houvesse um diálogo com a instabilidade, fazíamos posturas de equilíbrio. E, já nessa pesquisa, pudemos notar como a prática do yoga melhorava os exercícios posteriores de fruição das obras.

Corpos relaxados, mais flexíveis e alongados, falas fluidas e suaves pareciam facilitar o contato com as exposições de arte contemporânea – por vezes bastante herméticas no museu. Algumas vezes eu repetia a leitura de uma mesma obra com a turma de yoga e a turma de estudantes da graduação e, então, pude constatar que o público leigo, após a prática de yoga, fazia leituras mais reflexivas do que os estudantes de arte (na época eu tinha muita prática com as teorias que avaliavam estágios de leitores e obras de arte). Sobre esse projeto, eu escrevi o artigo Yoga no Museu³² que tratava muito mais da relação entre

³² Seguem meus dois únicos artigos publicados sobre yoga: ARSLAN, L. M. Yoga no Museu: somaestética e ensino de arte. In: Seminario internacio-

movimento-leituras de obras de arte, do que do yoga propriamente dito. Ou seja, não aprofundei muito sobre o yoga em si, no referido artigo.

Após esse projeto, por dez anos atuei em outro, o **Yoga no Santa**³³, na UFU, como coordenadora e/ou instrutora de YogaMove. E pretendo trabalhar mais dez, se possível for. Esse projeto de extensão foi certamente o mais popular que realizei; por sua duração, continuidade e pela quantidade de pessoas da comunidade que atendemos³⁴.

E, muito embora essa prática de extensão, Yoga no Santa, tenha sido tão significativa na minha atuação como docente na UFU, ela não gerou muitos artigos acadêmicos ou pesquisas diretas³⁵. Então, esboçarei aqui uma justificativa

nal de investigación en arte y cultura visual, 2017, **I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL**, 2017, v. 1, p. 883-889; ARSLAN, L.M. Yoga, arte e educação ambiental: uma proposta de ensino a partir da atenção à soma (corpo). SILVEIRA, Cristiane Amaro; SAMPAIO, Diana Salles; ARSLAN, Luciana Mourão, **Educação ambiental a partir do autocuidado**: uma visão transdisciplinar. RB Editora, 2018.

³³ Seguem os registros dos projetos na plataforma do Sistema de Informação de Extensão e Cultura: 1. 2022- Projeto Yoga no Santa / siex 26217; 2. 2023-Projeto Yoga no Santa /siex 28262; 2024-Projeto Yoga no Santa.

³⁴ Com média de 30 pessoas a cada aula (lembro-me das salas lotadas, até mesmo em dias de jogos da Copa do Mundo, quando o campus Santa Mônica estava deserto), por muitos anos, mantivemos a oferta de yoga nos cinco dias da semana, gratuita e sem necessidade de inscrição, graças ao trabalho da equipe de voluntários e outros docentes da UFU que fazem parte do projeto e se revezam na coordenação. Cerca de 150 alunos saindo com o corpo sorridente por semana.

³⁵ Sobre escrever acerca do Yoga no Santa, acrescento, eu cheguei a receber um convite para fazer um dossiê da revista OuvirOuVer, a qual, na época, era a revista do Programa de Pós Graduação em Artes (do qual fui

acerca do motivo pelo qual o yoga, que tem sido tão presente no meu trabalho na UFU, ainda não encontrou um lugar de pesquisa mais teórico.

Ocorre que a prática do yoga, que eu adoro, e pude constatar sua eficácia na construção de um bem estar somático através da minha própria prática, origina-se de um contexto muito distinto do que vivo e conheço. Não tem correlação sequer com a episteme ocidental: o yoga, por exemplo, sequer poderia se encaixar em apenas um de nossos campos do conhecimento, pois se relaciona com vários: Filosofia, Religião, Educação Física, Dança e até da Medicina (na sua relação direta com a Ayurveda). Talvez essa característica, que aproxima-se da minha ideia de uma formação mais integral e relacionada com a vida seja justamente o que me atraiu na prática. Mas tal contexto pede a compreensão de um campo complexo que envolveria o estudo de uma outra episteme.

Mesmo o curso de aperfeiçoamento em yoga,

coordenadora por um ano). Logo na primeira conversa com a responsável, apresentei a minha proposta de fazer um dossiê centrado nas práticas oferecidas pelo grupo Soma (que incluíam artes marciais e yoga). Porém, como os artigos não seriam escritos majoritariamente por pesquisadores advindos das Artes Visuais, a minha proposta foi rejeitada com o argumento de que essa mescla de autores de outras áreas poderia baixar a nota da revista (uma lógica invertida, onde a avaliação é que dá o "tom" da publicação).

no qual me inscrevi quando retornei dos Estados Unidos, não ofereceu uma abordagem que sanasse as minhas dúvidas, ao mesmo tempo que me fez desconfiar de certas traduções utilizadas para determinados conceitos. Recordo-me de que, em uma das aulas, eu esbocei uma pergunta sobre qual conceito estavam a utilizar quando diziam alma. O termo alma havia sido utilizado com frequência na aula, tanto em perguntas das alunas quanto nas respostas dos professores, a alma era, no contexto de uma das aulas, uma palavra fácil.

E... eu notei que a minha pergunta não ecoou. Então resolvi deixar a alma para lá.

No curso.

Fiz o curso todo mas não me submeti a decorar ou cumprir os protocolos de avaliação e nem nada que não fizesse sentido para mim. Me parecia idiossincrático um curso de yoga ser todo pensado numa lógica correspondente a uma episteme ocidental tradicional, por exemplo: um método linear de aprendizagem de yoga que findava em uma prova, na qual você tinha que decorar 100 ásanas – a serem feitos com uma venda nos olhos, cantar um mantra decorado, e uma prova de múltipla escolha sobre a filosofia

do yoga. Resumindo, o curso seguia uma tradição de ensino-aprendizagem ocidental tradicional (e, inclusive, ultrapassada, no meu ponto vista).

Mas acho que a maioria dos alunos gostava muito. Aliás, havia uma sutil divisão espacial entre homens e mulheres no curso, de forma que sempre fiquei distante dos poucos homens que lá pareciam constituir um clubinho particular e sentavam-se inclusive mais próximos ao professor.

Ressalto que, como sou da área de ensino, não consigo absolutamente neutralizar os métodos de ensino, as organizações espaciais, a utilização do tempo, as avaliações, etc. Muito menos deixar de observar quais as corporeidades (como a valorização de um certo modelo corporal) estavam lá em jogo, nos intervalos, notava discursos de superação e aprimoramento pessoal, apoiados em ideias individualistas, as quais se fazem muito presentes no gênero literário de autoajuda.

O formato de um curso, seu método é, para mim, a expressão de uma visão de mundo. Eu escrevi a minha tese de doutorado sobre concepções de arte em cursos livres de pintura³⁶ e, desde

³⁶ ARSLAN, L.M. **Amadores da Arte**: práticas artísticas em cursos livres de pintura da cidade de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

então, me acostumei a pensar as estruturas de pensamento que regem as práticas educativas.

Retomando, eu estava lá no curso de aperfeiçoamento para aprender yoga, e o método lá imbricado me convidava a pensar em muitas coisas. Havia um conhecimento tácito que me fazia pensar mais que o conhecimento explícito³⁷. Me convidou a pensar, inclusive, que ministrar uma prática baseada em uma episteme cuja lógica sequer consigo compreender, fosse inadequado numa universidade brasileira. Quase desisti, mas... esse projeto de extensão Yoga no Santa me gera uma felicidade única. É muito gostoso encontrar os praticantes felizes e esfuziantes antes e após as práticas. A minha alegria de encontrar aquela sala da UFU sempre cheia de alunos (sem nenhuma espécie de obrigação em estar lá) é algo que não troco nem por muitos artigos.

Como eu já havia concluído a minha graduação em dança e via caminhos de um método mais emancipado e acolhedor na dança, criei o Yogamove e, então, dentro do projeto Yoga no Santa, eu ministrava o Yogamove, enquanto outros

³⁷ Training the Senses: Tim Ingold - The knowing body (vídeo 1h:22m) Disponível em: https://youtu.be/OCCOkQMHTG4?si=s_2uVfORnkuVRQ2r. Acesso em 3 jun. 2025.

colegas (Ana Marta de Sousa, Adilson José de Assis, Paulina Maria Caon, Sandra Campos) ministravam Hata Yoga e/ou Kundalini³⁸.

Meus momentos mais felizes na UFU³⁹ são estes nos quais eu pude observar os alunos do Yogamove, sorridentes ou com cara de alívio, sentindo o contentamento em poder fazer aulas gratuitas de yoga. O nome Yogamove foi conveniente para que eu assumisse e ressaltasse a impureza da prática que ministro e a sua mescla com dança. Ao mesmo tempo, esse nome me desvincula de certos métodos de ensino de yoga com os quais eu não simpatizo.

Provavelmente, os puristas chamariam o Yogamove de uma avacalhação do yoga. Tudo bem. Eu queria algo mais impuro e menos comprometido com valores éticos e contextos desconhecidos.

No Yogamove, eu mesclo a prática de posturas do yoga (ásanas), práticas de respiração (pranayama), exercícios que aprendi em Gaga Movement e atividades muito sutis da dança aprendidos na graduação em dança.

Me lembro da alegria em assistir os alunos, em pé e de olhos fechados, em seus tapetes, a

³⁸ um dos vídeos de divulgação do projeto: Gl. vídeo. (3:38). <https://youtu.be/xGP0ddL-QAw?si=KZb77aeElptx6IR>. Acesso em 4 jun. 2025.

³⁹ Mais felizes como docente, porque mais felizes mesmo foram os anos que vivi nas aulas do Curso de Dança, o qual frequentei como discente.

moverem imaginando suas colunas como se fossem uma serpente... quanta dança linda eu pude assistir e quantos sorrisos e depoimentos após as práticas. Poder ver os corpos experimentando movimentos menos convencionais e conscientes me proporciona uma alegria imensa, porque sei, baseada na neurociência e estudos somáticos, que isso melhora a vida-pensamento de todos⁴⁰.

Eu tive que parar de ministrar Yogamove por dois semestres, quando o semestre na UFU virou trimestre (na reposição pós-pandemia) e o trabalho começou a apertar e sufocar muito. Simplesmente eu não conseguia cumprir todas as demandas que pululavam no meu cotidiano de trabalho. E o Yogamove precisa de muito preparo, não é só ir na prática, inclusive a minha prática de yoga deve estar em dia. Mas confesso que hoje me arrependo, pois todas as vezes que ministro essas aulas eu fico muito mais feliz!

Apesar de ser comprovado o quanto uma prática dessa atividade ajuda no trabalho de cognição, e da grande quantidade de alunos das Artes Visuais frequentando o Yoga no Santa,

⁴⁰ Eu escrevi sobre isso no livro: ARSLAN, L. M. **Corpo (sentido):** corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem. Uberlândia, MG: Regência e Arte Editora, 2020.

as ações de extensão são aprovadas, mas pouco consideradas para uma distribuição de carga horária ou reconhecidas no meu departamento. A universidade pública oferece essa grande oportunidade de poder realizar atividades com grupos transdisciplinares, mas, opino baseada na minha experiência na UFU: as pessoas que atuam em grupos transdisciplinares acabam tendo suas atividades um pouco renegadas e até desconsideradas nos cursos em que estão alocadas – ou porque inexistente um índice de avaliação que valorize tais práticas transdisciplinares (que em princípio justificam a universidade) ou porque estas práticas não têm legitimidade na episteme estabelecida - sequer são compreendidas, por se afastarem de uma estrutura taxonômica tradicional.

O projeto Yoga no Santa caminhou juntamente como um projeto do programa institucional Soma: Ações Transdisciplinares, programa este que teve sua criação e aprovação graças à atuação ativa do colega, docente do Curso de História, Guilherme Amaral Luz⁴¹, que tem se dedicado ao estudo

⁴¹ Com Guilherme e o grupo Soma, fizemos uma parceria na organização de um livro, juntamente com José Henrique Pareja: LUZ, G. A.; PAREJA FILHO, H. J.; BARROS, C. S.; ARSLAN, L. M. **Cuidados silenciosos no zumbir da educação: integração corpo-mente-cultura no processo de ensino aprendizagem.**

das artes marciais. Ele, que estuda inclusive mandarim, consegue lidar melhor com o contexto que envolve as artes marciais que investiga e tem sido muito ativo nos grupos de estudos de artes marciais, além de ter criado um centro de documentação destas.

Mas ele também sustenta certo incômodo semelhante ao meu, diante de alguns dos métodos de ensino-aprendizagem de artes marciais presentes em algumas escolas. O termo marcial, no ocidente, segundo Gabriela Santana, reporta também a um imaginário mítico, religioso e ainda militar.

Mas ambos persistimos, imagino, guiados pela prática. Confiando e acreditando nos fazeres que se disseminam no corpo a corpo, nos saberes que não são só discurso.

Finalmente, faço a ressalva de que tampouco perdi meu interesse nos conhecimentos que envolvem a prática de yoga tradicional: inclusive eu tenho atualmente uma mestra, a Keila Cristina Pinto, do Shiva Espaço de Yoga de Araguari, que já foi inclusive supervisora em um projeto de extensão que realizei para professores em Araguari⁴².

Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2022.

⁴² O projeto de extensão YOGA MOVE: para pensar corporeidades no ensino-

Mas eu ainda me questiono, sobre o porquê de trabalhar com a prática de yoga, sendo que, por exemplo, uma prática de capoeira, que me parece uma prática somática tão eficiente, seria política e culturalmente mais coerente culturalmente e necessária: dado o fato de que a universidade teria um papel importante na legitimação e disseminação dessa prática.

Gostaria de acrescentar que, durante a escrita deste memorial, eu pratiquei capoeira em dois grupos distintos no Nordeste. E fiquei muito impressionada em notar como os métodos de ensino que experimentei seguiam uma lógica muito emancipada de ensino-aprendizagem⁴³. Também chocou-me ver que muitas crianças têm sido proibidas de praticar capoeira (por seus pais evangélicos).

No entanto, lendo Antonio Bispo dos Santos, reconheço que mesmo a capoeira segue outra lógica epistemológica, que não a da cultura **escriturária**, da qual infelizmente faço parte. Pude experimentar aulas com pessoas de

-aprendizagem (SIEX 26070) ofereceu um curso para professores no espaço Shiva Yoga da cidade de Araguari.

⁴³ A lógica da capoeira permite-me afirmar isso, ainda que numa lógica da minha tradição eu diria que eu fui passar vergonha nesses grupos, porque a prática não é nada fácil.

diferentes idades, um método (intergeracional), numa organização espacial da roda, que dilui a hierarquia panóptica e que inclui ética e a solidariedade. Embora também tenha exame de faixas, o modo de organizar a aprendizagem é bem pouco linear, onde um certo grau de improvisado é presente nas atuações dos instrutores que estavam sempre a avaliar **a energia** do grupo.

Na aula de Alice Heusi, no Girarte, em Sibaúma-RN, cantei, toquei pandeiro, berimbau e coco, tudo pela primeira vez. E na aula de Pinguim, no Centro de Convivência e Cultura de Santo André-BA, eu tive uma das minhas experiências coletivas mais lindas com o maculelê. Quem me dera ter decidido praticar capoeira antes. Após os 50 anos também posso, mas algumas semanas fazendo **esquiva** e o meu ombro já reclama de dor.

No texto sobre as corporeidades que **jogam, dançam e lutam**, a autora Gabi Santana⁴⁴ usa o termo **performances culturais**, para se referir à capoeira, o qual adorei e acho até mais interessante do que o de prática somática (que utilizo quando falo da minha prática de yoga). Isso porque, a essência

⁴⁴ SANTANA, Gabriela Santos C. A improvisação desde as corporeidades afrodiaspóricas que jogam, dançam e lutam. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança PPGDança - UFBA**, v. 7, n. 1, jul./dez. 2022.

cultural, que criou e que sobrevive nas práticas mencionadas (yoga, artes marciais, capoeira) é essencial: trata-se justamente do conhecimento implicado e entranhado nesses fazeres do corpo, que eu luto para defender. Por isso, eu nunca desejei neutralizar a cultura do yoga. Mas ainda preciso encontrar modos adequados e respeitosos de me relacionar com esse **corpo encruzilhada**⁴⁵ de saberes-fazeres e culturas.

⁴⁵ Com certo cuidado, empresto de Jarbas (RAMOS, 2017) a noção de corpo-encruzilhada, compreendida como corpo-espaco atravessado e entrelaçado por saberes, práticas e elementos que constituem o cosmos em que está inserido. Essa noção, utilizada pelo pesquisador para pensar o corpo dos congadeiros, também parece auxiliar o pensar- praticar Yoga: pois não é possível dissociar tais práticas de sua matriz cultural originária, ao mesmo tempo em que se faz necessário reconhecer o tempo-espaco contemporâneo em que se atualizam. O corpo, nesse entrecruzamento, torna-se lugar de transição, tradução e reinvenção, onde tradição e presente dialogam em movimento contínuo. (considerar isso num projeto de extensão de yoga é o desafio). RAMOS, Jarbas Siqueira. O corpo-encruzilhada como experiência performativa no ritual congadeiro. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, n. 2, 2017. p. 296-315.

9.

Uma aula é a representação: de um modo de pensar o mundo

Como estão os alunos?

Como está o professor?

Como eles (alunos e professor) parecem se sentir
(seus corpos demonstram cansaço? Tédio?

Qual a relação entre eles?

O que tem na sala?

Como é o design do mobiliário?

Qual a relação com o tempo? Métrica ou orgânica?

Quais são os graus de mobilidade?

Como encontram-se os corpos?

Como é a energia do movimento dos corpos?

Letárgica? Rápida?

Como se dá a diversidade corporal? Como se

apresentam as hierarquias?

Quais as hierarquias?

Quem se movimenta mais?

Quem se movimenta menos?

Observe atentamente cada pessoa em particular.

Como ela é no grupo?

O grupo tende a homogeneizar todos?

Que dança é essa da sala?

Qual coreografia estamos a cultivar na
Universidade?

(Esse modo de pensar-sentir o ensino-aprendizagem,
seu movimento e sua **coreopolítica**⁴⁶ eu aprendi
no Curso de Dança da UFU)

⁴⁶ Coreopolítica é um termo cunhado por André Lepecki. LEPECKI, A. **Coreopolítica e Coreopólicia. Ilha (Revista de Antropologia)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

10.

Práticas de Campo, Plein Air e Banhos de Floresta

Além do yoga, também comecei a promover uma adaptação da prática japonesa Shinrin Yoku (Banho de Floresta) na UFU. A primeira vez que ouvi falar do Banho de Floresta foi através de uma postagem de uma colega, a Diana Salles Sampaio, que é professora do Curso de Biologia, e minha parceira do grupo SOMA: Ações transdisciplinares.

Eu já praticava o Plein Air, que consiste em passar horas pintando certo lugar, como uma prática de meditação ativa. Conheci o Plein Air durante o pós-doutorado, lá nos Estados Unidos existem muitos grupos que combinam de, a cada 10 dias, encontrarem-se em algum lugar para passar 4 horas pintando. Ao final, sempre olhávamos

as produções de todos, mas, aos poucos, descobri que não eram as pinturas que faziam aquela prática tão interessante e prazerosa, mas sim a observação atenta e silenciosa mediada pela pintura, em grupo.

Assim, quando vi a postagem sobre o Banho de Floresta, fui correndo atrás da bibliografia. Ao ler os livros que consegui sobre o Banho de Floresta⁴⁷, descobri que, embora criada no Japão, o Shinrin Yoku tem toda uma argumentação enraizada numa epistemologia ocidental, tendo sido amplamente estudada por diversas áreas da Saúde.

A partir desses estudos da prática, passei a incorporar Banhos de Floresta nas minhas aulas de Prointer 2 e em projetos de extensão da universidade⁴⁸, e então passei a ser convidada a fazer banhos de florestas por outras pessoas: realizei banhos de florestas no Parque do Sabiá, na reserva do Desamparo em Araguari, no Campus

⁴⁷ CLIFFORD, M. Amos. **Your guide to forest bathing: experience the healing power of nature**. Expanded ed. York Beach: Red Wheel/Weiser, 2021; LI, Qing. **Shinrin-yoku: the art and science of forest bathing**. Londres: Penguin Books, 2018; MIYAZAKI, Yoshifumi. **Shinrin-yoku**. Lisboa: Albatroz, 2018; LONGHURST, Erin Niimi. **Japonisme: ikigai, forest bathing, wabi-sabi and more**. Londres: Harper Thorsons, 2018.

⁴⁸ Coordenei dois encontros de extensão de Banhos de Floresta (siex 26695 e 26667) e fui convidada por outros professores para ministrar práticas em seus projetos.

Sta Mônica da UFU com diversas turmas de alunos, numa cachoeira em um trabalho de campo com alunos da graduação em Dança juntamente com a professora Juliana Soares Bom-Tempo e no Bosque John Kennedy. O banho de floresta foi agregando outros saberes de discentes e colegas, fizemos uma edição que era "banho de floresta e canto enxame" (com a pesquisadora Juliana Penna), e um banho de floresta e observação de pássaros, numa proposta que chamamos **O Presente** (com o aluno Paulo Cardoso). Em **O Presente**, a prática era iniciada com a entrega de um saquinho de presente e um adesivo: para que a pessoa colocasse o celular dentro, e assim ganhassem "o presente".

Devo dizer que dentre todas as práticas corporais aprendidas, poucas eram tão legitimadas pelas ciências ditas duras como o Banho de Floresta. Ainda que o yoga e a meditação já estejam ganhando um certo status na ciência, suas práticas ainda requerem certo preparo ou uma forte intenção (no caso da meditação), são práticas muito associadas a um contexto **Nova Era**⁴⁹.

⁴⁹ Amaral (2000) oferece um panorama do movimento **Nova Era** o qual, heterogêneo, mistura diversas práticas espirituais que buscam o fortalecimento interior, muitas delas desterritorializadas, associadas com uma dimensão mercantil de lazer, auto aperfeiçoamento individual, entre outros. AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

As práticas do corpo a corpo são muito desvalorizadas na minha (nossa) formação de **escriturários** e **cosmofóbicos**, como diria Antonio Bispo. E, quanto a isso, tenho que dizer que ainda sinto um enorme incômodo em compartilhar práticas, as quais eu sei praticar mas não sei teorizar.

Revisitando minha documentação de professora, vejo que tais práticas de travessias e caminhadas já estavam presentes ao longo da minha carreira. E então revisito as fotos das idas para Santos, caminhadas dentro da USP, e no Zoológico de São Paulo, (quando professora da Escola de Aplicação da USP); idas para a escola de samba Vai Vai, construção de tapete para Corpus Christi no Bexiga, subidas pela avenida Consolação para observar as pichações e grafites na cidade (quando professora do Estado de São Paulo), muitos museus e visitas para Santana de Parnaíba (quando professora na UNIP).

Embora fossem menos burocráticas tais saídas (eu me recordo de sair com alunos do 8 ano sem precisar de autorização), elas sempre requisitaram muito esforço no sentido de colocar jovens sedentários em movimento.

Hoje, mais do que nunca, possivelmente

devido ao uso de tecnologia para tudo, eu sinto que existe uma enorme resistência ao ato de caminhar.

Enfim, acho que foi por meio dessas práticas de campo que eu comecei a descobrir cada vez mais modos de "diluir" os tempos métricos e as molduras da sala de aula, encontrar formas de subverter certa estrutura tradicional de ensino. Propondo práticas que valorizam a mobilidade, a relação com os demais seres vivos, em ações mais integrais, que convidam a uma experiência estética (no sentido de Dewey) e a uma aprendizagem por meio da mobilização atenta. E se aprendo fazendo tais projetos na UFU, também outras formações, feitas em meus períodos de férias, me instruem sobre tais práticas mais integrais: como um curso intensivo de 10 dias de Butô, feito na Alemanha, e o Vipassana, feito na Bahia, me fornecem cada vez mais repertório e experiência de práticas integrais.

No Vipassana, mais conhecido como retiro de silêncio, a prática era tão integral que, durante 10 dias, não era possível ler, olhar celular, falar e sequer olhar nos olhos de outra pessoa. O método de meditação inclui as refeições, os horários de sono, a dieta e a forma de ocupação

do espaço. Nosso método universitário também inclui refeitório universitário, horários sem fim, e formas de ocupação do espaço: a diferença é que na nossa tradição isso não é parte do ensino – o ensino é o que está no plano de aula, todo o resto é complemento, o restaurante universitário é assistência estudantil, os tempos métricos são forma de organização.

Por isso, quando faço tais formações, tenho que usar meus dias de férias.

11.

Práticas performativas, Improvisações, Performances e Travessias

As ações de caminhadas e travessias foram práticas que estiveram muito presentes, tanto em ações artísticas, quanto em encontros com formação de grupos de professores, nas aulas da graduação e nos projetos de extensão da Universidade.

Essas ações envolvendo longas caminhadas surgiram inicialmente impulsionadas por uma colega no grupo Substantivo Coletivo⁵⁰; a

⁵⁰ O grupo Substantivo Coletivo é o núcleo artístico do Núcleo de Estu-

pesquisadora Paulina Maria Caon⁵¹, que tem se dedicado às práticas de caminhada como fazer artístico e como forma de ressaltar a corporeidade nos processos artísticos e de ensino-aprendizagem. Com Caon e o grupo Substantivo Coletivo, propusemos dois encontros para professores do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais – CEMEPE, realizados no Parque do Sabiá; uma ação artística de travessia entre Araguari e o distrito de Amanhece (em performance), duas travessias nas bordas de rios, uma no Rio de La Plata, em Buenos Aires, realizada em parceria com o Instituto de Artes del Espectáculo da Facultad de Filosofía y

dos de Improvisação em Dança (NEID), grupo certificado do CNPQ do qual faço parte desde sua criação. Aqui no memorial eu não abordei muito o trabalho com esse grupo, mas ele que me ajuda a pensar a improvisação na docência, e me rende muitas experiências, estudos, trabalhos artísticos e publicações, como: ARSLAN, L. M.; RAMOS, J. S. (org.). **Improvisação em dança**: criação, composição e performatividade, Regência e Arte Editora: Uberlândia, 2020; ARSLAN, L. M. CAON, P. M. (org.). **Navegar pelas danças que nascem das palavras**, Regência e Arte Editora, Uberlândia, 2023; ARAUJO, M.; CHAVARELLI, P.; ARSLAN, L. M. Conexões em rede: experiências na composição improvisada em dança. **Anais do Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas vinculado à Jornada Internacional Atuação e Presença organizado pelo LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Unicamp e pelo PPG Artes da Cena - IA - Unicamp**, v. 1, p. 1-12, 2022.

⁵¹ Devo mencionar um fato curioso. Conheci a professora Paulina em uma parceria de coordenação para elaboração de uma proposta para o Projeto Rondon. Recém chegadas na UFU, nós coordenamos uma equipe de discentes advindos de muitos cursos distintos. Fizemos um projeto discutindo sexualidades e violências a partir de estudos das demandas da região que nos foi indicada, numa zona de fronteira do Brasil, marcada por casos de prostituição infantil. Não aconteceu essa travessia com estudantes até a fronteira do Brasil: o nosso Projeto Rondon foi reprovado provavelmente porque a proposta previa ações em bares e zonas de prostituição. Mas a quilometragem que percorremos depois, em tantas travessias, já superou essa primeira tentativa de deslocamento juntas.

Letras Da Universidade de Buenos Aires⁵², e outra na margem do Rio Uberabinha⁵³, para os alunos do Prointer II das Artes Visuais e do Mestrado em Artes Cênicas.

As propostas de caminhada já são em si epistemologicamente desafiadoras, pois estão no entrecruzamento de uma prática performativa, estética e educativa. Só mais recentemente é que tenho realizado caminhadas como um modo de prática artística que, por vezes, se mesclam com as ações de formação.

A caminhada tem sido cada vez mais apresentada como prática artística por grupos como o Coletivo Teatro Dodecafonico, além de ser material de estudo de pesquisadores como Tamiris Vaz (colega do curso de Artes Visuais da UFU), André Bocchetti e Francesco Careri (com quem, inclusive, Paulina realizou seu pós-doutorado).

Foram também tais experiências de travessias que me ajudaram a pensar em outras propostas que eu já realizava, que envolviam deslocamentos ou relações de criação improvisadas com locais escolhidos.

⁵² Essa ação gerou um pequeno artigo coletivo: XXXX

⁵³ O projeto Caminhar, mover e criar na borda do rio Uberabinha: uma travessia estética através e desde os corpos ocorreu em 2022 (registro Siex 27650).

Algumas experiências coreográficas de caminhada foram experimentadas durante a escrita deste memorial no Distrito de Sibaúma, a convite do professor Eric Henrique Cruz da Silva. Em Sibaúma convidei seus alunos a irem até o rio em duplas, um guiando o colega de olhos fechados. Em algum momento da caminhada um aluno podia pedir uma pausa para comentar uma história ocorrida no local, e só então, após ouvir a história, é que a dupla podia abrir os olhos e apreciar o local. Na volta até a escola, a proposta era a mesma, trocando o papel da dupla.

Em tais propostas artísticas experienciais não há uma separação entre quem faz e quem assiste, pois todos estão juntos na ação. Meu trabalho de dança **Academia**, mesmo sendo uma proposta solo, acaba por ser indissociável do espaço e de todos que estão ao redor.

Também, tenho feito propostas como a de limpeza com os alunos da graduação, onde limpamos com delicadeza os corredores do Bloco I, das Artes Visuais, no Campus Santa Mônica. Eu sempre digo que vamos "dar carinho" ao prédio⁵⁴

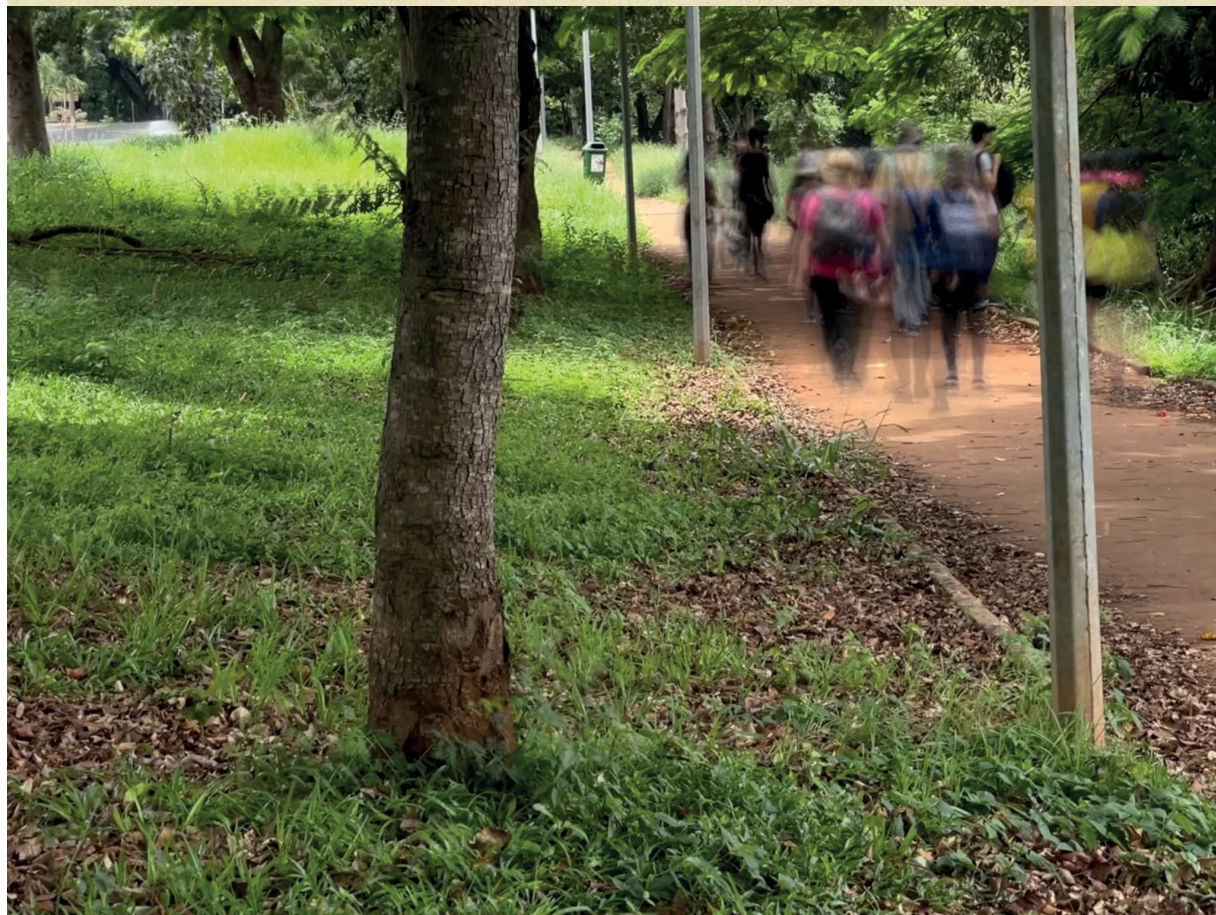
⁵⁴ Essa prática se transformou no artigo (já citado anteriormente): ARSLAN, L.M. Educação da sensibilidade, dez limões e um balde na mão. Publicação contínua /Dossiê - Caminhar e habitar: arte e educação no espaço urbano (2023): **Revista Digital do LAV**, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://>

(sic). Essa proposta coletiva surgiu após eu ter feito um estágio de "habitar "no prédio das Artes Visuais, durante a pandemia, quando ele estava vazio. Eu experimentei atravessar os corredores, acariciando o prédio e tentando estabelecer uma nova forma – mais inventiva, lúdica e estética –, percorrendo o espaço e limpando a memória traumática que eu tinha dele, esse trabalho consta no livro *dança Danças para vestir o pensamento*, publicado em 2022.

Esse modo de estar junto, de compor com o ambiente e situações que se apresentam, tem sido o foco dos estudos de Improvisação em Dança do Núcleo de Estudos de Improvisação em Dança (NEID), do qual faço parte desde a criação. Em 2023, fui proponente, inclusive, de um projeto do NEID que recebeu verba do Programa de Incentivo à Cultura (PMIC), da Prefeitura de Uberlândia.

Tenho criado vários trabalhos pessoais que procuram criar essa relação atenta com o lugar, com as pessoas. Trabalhos que faço (diante e com outros, mas) que visam a experiência de transformação na minha relação com tais situações.

Acredito que uma das vantagens da docência seja esta, de um estado de atentividade constante, demandado por situações e pessoas sempre novas. Esse seria o ideal, que permitiria inclusive o desenvolvimento de habilidades de trabalho, em trabalho.



Travessia às margens do Uberabinha.

12.

Entre o Mar e o Cerrado

A decisão de me deslocar de estado para escrever o memorial docente já se baseava nessa minha crença de que o deslocamento do corpo é propício para sacudir as ideias. Um modo de mover as memórias da docência. Mas, depois, pensei em como decidir ficar perto do mar, nesse momento, era uma manifestação também nostálgica. Meus avós maternos viviam em São Vicente e meus pais, quando se aposentaram, ambos foram morar em cidades praianas. De certa forma, ter ido para Uberlândia, tão distante do mar, me soava sempre como um retrocesso.

Mas esse deslocamento foi bom para desacostumar o meu corpo, mover o passado-presente. A casa em Sibaúma fazia-me sentir dentro de um barco, tão forte, que aquelas ondas e vento ecoavam no meu escritório e camas provisórios.

Aquele mar tão forte.

O Paulo (meu companheiro) ficou, durante suas férias, um mês em Sibaúma-RN.

Um dia Paulo foi embora.

Ele quis se despedir do restaurante que ele gostava. O restaurante tinha uma vista linda para o Mar. Era o restaurante da Lidileine.

Eu almoçava mais tarde, e Lidi era toda amor.

No primeiro dia em que almocei sozinha, ela preparou o seu prato e puxou a cadeira.

Eu pensei: Será que a Lidi vai se sentar comigo? Quase sem acreditar.

Ela nem pediu!! E se sentou na mesa comigo.

Eu nem sabia como agir.

Ela almoçou três vezes mais rápido que eu. Tinha ainda muitos afazeres.

Mas me fez companhia (eu, uma estranha e desconhecida de mim mesma).

Com seu sorriso doce, acolhedora.

Amenizou a saudade de Paulo, o medo de ficar sozinha ao lado daquele mar enorme, naquela vila tão isolada .

Mas qual a relação disso com um memorial docente? É que, na prática, eu senti que as formas de socialização me pareceram muito evoluídas e maduras no quilombola de Sibaúma. Quem diria

que não são? Quem inventou que é preciso pedir licença para sentar na mesa. Aquele afeto de Lidi era um acolhimento - cachoeira. Eu não tenho palavras.

Restaurante Boa Vista

Em São Vicente, tinha um restaurante chamado Vista ao Mar. Meu pai adorava. Ele conhecia todos os garçons e cozinheiros, e quando ele entrava no restaurante, os garçons corriam ao seu encontro, gritavam seu nome lá de longe – Seu Munir!

Como herança de sua tradição turca (e de comerciante), ele colocava gorjetas gordas nos bolsos dos funcionários – dinheiros pequeninos, bem dobradinhos, que eu nunca via. Minha mãe me revelou sobre as gorjetas quando eu disse a ela que todos gostavam do meu pai. Minha mãe chamava de suborno a gorjeta do meu pai. Depois da revelação desencantada da minha mãe (que destruía a minha hipótese de que meu pai era amado por todos), passei a observar a mão leve do meu pai ao colocar os dinheiros dobradinhos nos bolsos de todos os atendentes.

O restaurante Boa Vista fechou. Eu gostaria de ter podido pagar um almoço para o meu pai

nesse restaurante. Quando meu pai ainda era vivo, ele era caríssimo e eu odiava aquela decoração.

Ele era joalheiro de profissão, desde criança trabalhava com ourivesaria, lapidação de pedras e comércio de jóias e acho que, por isso, gostava de coisas **chiques** e caras. E eu era sempre avessa a qualquer manifestação de ostentação. Foi só depois de um tempo morando em Uberlândia que comprei um apartamento do qual meu pai se orgulharia, mas ele já havia falecido. Ele investiu muito na minha educação, comprou muitos livros, pagou muitos cursos, comprou materiais artísticos, instrumentos musicais, etc..Pude fazer alguns gestos de amor e dar outros presentes a ele. Quando ganhei o prêmio Professor Nota 10, da Fundação Victor Civita e Revista Nova Escola⁵⁵, eu comprei passagem para a Turquia para nós dois. Ele nunca havia voltado para a Turquia desde sua imigração (ele foi desertor da guerra da Coreia e sua família sofria perseguições por ser

⁵⁵ O Prêmio Educador Nota 10 foi criado em 1998 pela Fundação Victor Civita. Desde 2018, o Prêmio Educador Nota 10 é associado ao Global Teacher Prize, realizado pela Varkey Foundation, prêmio global de Educação. Em 2023, a seleção e a premiação passaram a ser organizadas pelo Instituto Somos, uma organização sem fins lucrativos mantida pela Somos Educação. Em 2000 eu recebi o prêmio na categoria ARTE, o qual me foi entregue em mãos pela escritora Lygia Fagundes Telles em cerimônia, transmitida ao vivo pela TV Cultura.

cristã da etnia dos **syriacs**⁵⁶, também conhecidos por assírios) aos 18 anos.

Mas queria ter dado muito mais para ele. Principalmente a minha presença.

A mudança para Uberlândia me deixou mais distante dele. Quando ele teve câncer, eu fiquei numa correria danada – toda semana pegava o ônibus noturno para dormir no hospital em São Paulo, depois voltava para dar aula em Uberlândia. Ninguém me avisou que eu poderia tirar uma licença para acompanhar a doença dele, e só depois fui conhecendo melhor os meus direitos. Pelo contrário, no corredor do bloco de Artes Visuais, outra professora (já aposentada e falecida), ao saber do meu pai, me contou histórias horríveis de como uma amiga sua definiu com câncer, lembro dela dizer que sua amiga sofreu até vomitar seus próprios órgãos (eu sempre fui vulnerável a narrativas médicas e lembro que, naquele dia, o meu desespero foi tão grande que desejei muito que meu pai morresse logo). Eu realmente pedi para a médica não deixar ele sofrer, muitas vezes.

⁵⁶ Os **Syriacs**, ou **Assírios**, são um povo semita originário da Mesopotâmia, com língua própria (novo aramaico) e forte tradição cristã. Apesar de sua longa história, sofreram perseguições – como no genocídio assírio (1915) – e seguem lutando pela preservação de sua identidade no Oriente Médio.

Esse projeto acadêmico, de terminar o doutorado, de prestar um concurso e ir morar longe das suas referências, por conta de um posto de trabalho numa universidade, hoje me soa quase violento. Eu achava normal, pensava que deveríamos morar onde temos nosso melhor trabalho.

Em Uberlândia, eu virei um ponto sem referência. Uma pessoa perdida (desterritorializada). Demorei demais para entender a cidade, o jeito da Universidade, a cultura da interação no trabalho, totalmente distinta da paulistana. Tive namorado psicótico e fui parar até na delegacia quando anunciei a separação. Ele ameaçava ir à minha sala de aula e, como ex-aluno da UFU e ainda aluno de uma segunda graduação, tinha acesso fácil.

Ninguém me obrigou a morar longe da minha família, ou a assumir o trabalho em Uberlândia. Eu escolhi. Mas hoje acredito que as escolhas devem ser mais pautadas no afeto. O termo "vida acadêmica" é equivocado. Não existe isso. Vida é integral, não temos vida isso ou vida aquilo. O trabalho seria supostamente bom, mas eu deveria ter pensado em como seria ser professora longe da família, dos amigos, da cultura urbana de São Paulo.

Ser professora na UFU foi uma peripécia cheia de percalços e adaptações que envolveu grandes mudanças na vida acostumada a São Paulo. Eu adoro o movimento, eu adoro o trânsito. Mas acho que a mobilidade deve ter um estado de atentividade (mover consciente não é só no tapete de yoga ou na prática de improvisação em dança). E o trabalho docente não deveria nunca ser deslocado da vida.

Mas, nesse sentido, acho que a UFU poderia, quando vários professores foram admitidos em 2008, ter tido uma maior atenção a esses professores deslocados de suas famílias e em adaptação a uma nova cidade/trabalho. Quando meu pai morreu, não tive apoio nenhum da UFU, nem sabia de licença por óbito. Quando meu irmão morreu de COVID, aos 53 anos, nenhum pêsame oficial, nada. Durante a minha licença, uma colega próxima se aposentou, nada de festa ou ritual de despedida. A pessoa só sai do sistema.

Posteriormente, tive oportunidade de tentar lecionar em outros lugares supostamente melhores. Mas a minha pauta mudou. Agora, eu quero ficar onde estão minhas gatas, plantas e meu companheiro. Nem um pós-doutorado no exterior eu quero mais. Minha vida (acadêmica)

agora inclui o afeto. Felizmente eu fui tecendo relações mais carinhosas e amplas, que estavam para além do Curso de Artes Visuais. E isso levou muito tempo, exigiu muita energia e trabalho.

Eu mudei o rol das minhas escolhas; agora, graças à Graduação em Dança (que me ensinou a me mover melhor e mais atenta entre outros seres viventes). Então, parece que há sim uma política de afetos disponível para discentes, a qual não se faz disponível em igual escala entre/para/com docentes⁵⁷.

Essa é uma contradição que não faz sentido. Mar para discente e Cerrado devastado para docente. A única pista que encontro para pensar essa contradição é a disputa de campo, que é tão bem explicada por Pierre Bourdieu⁵⁸. Para o autor, os conflitos e as disputas simbólicas

⁵⁷ É claro que existem exceções. Por exemplo, quando recebi a bolsa de pós-doutorado, após as enormes dificuldades para conseguir a liberação no Curso de Artes Visuais, eu quase não consegui o meu visto, porque o departamento de pagamento da UFU se recusava a me dar uma carta dizendo que eu continuaria a receber o meu salário, durante esse estágio: eles diziam que o departamento não podia emitir isso, e o setor de afastamento também não. Diante das insistentes negativas, eu solucionei o problema pedindo que o professor Narciso Larangeira Telles da Silva, na época meu coordenador na pós graduação em Artes, assinasse a tal carta em inglês, o que ele fez sem titubear: uma posição menos burocrática que possibilitou a concessão do meu visto e o meu estágio de pós-doc no exterior, que foi fundamental na minha formação.

⁵⁸ John Dewey, Pierre Bourdieu, Richard Shusterman e bell hooks são minhas maiores referências. Aqui tomo a licença de falar sobre suas obras de modo mais casual, mas nos meus livros é possível ver seus conceitos mais esmiuçados.

são condição essencial para a afirmação de um campo. E o campo acadêmico e artístico é um dos que mais agencia trocas simbólicas e relações de poder. De forma (aqui) muito simplista, Bourdieu me ensinou que sem adversário não há jogo. Assim, as disputas e discórdias são formas de se constituir um campo (de forças).

Mas ainda assim, me pergunto como posso ter aprendido com os corpos sofridos e massacrados dos docentes da Dança⁵⁹? (porque defendo que uma atenção somática do docente é essencial para sua atuação). Seria a sala de aula o local de cura dos docentes⁶⁰?

⁵⁹ Tenho conhecimento de diversas situações de conflito entre docentes do Curso de Dança, que resultaram em pedidos de transferência e, em um caso, até mesmo em exoneração. Os envolvidos nessas situações relataram episódios de adoecimento relacionados a práticas de assédio moral.

⁶⁰ Isso foi uma ideia que estava a discutir com a professora Juliana Soares Bom-Tempo, mas, por vezes, até mesmo esse espaço (da sala de aula) passa a sofrer interferências. Por exemplo, já tive alunos que me convidaram para ser banca e depois relataram que a orientadora não me aceitaria na banca.

13.

Os Museus

No campo da arte, sempre tive certa tendência a questionar uma visão da arte institucional, o que é mais ou menos implícito através da minha defesa de que é importante respeitar as concepções de arte menos hegemônicas.

Idiossincraticamente, o meu início profissional, que se deu em museus de arte, contribuiu muito para a construção da minha criticidade.

Trabalhei por três anos no Museu Lasar Segall, um ano no MASP e também fui educadora da Bienal de São Paulo no ano de 1994. Em especial, no Museu Lasar Segall, tive a oportunidade de realizar um exercício diário de crítica institucional. O Museu parecia um laboratório de gestão cultural. Lá, nós, funcionários da Divisão de Ações Educativas, atuávamos junto com a museologia e éramos convidados a propor e

pensar juntos sempre. Tínhamos muitas formações com profissionais estrangeiros que pensavam acerca da avaliação de públicos e visitantes, elaboração de textos de paredes para museus, materiais educativos, diversos processos de aprendizagens de leituras de obras e uns tantos outros que estão lá no Lattes.

Foi lá no Museu Lasar Segall que aprendi que um museu se torna importante também por suas práticas e não apenas por seu acervo material e que um museu poderia ser autocrítico de suas próprias formas de poder. Pude, lá, desenvolver desde materiais de apoio para serem expostos na galeria até diversos programas para famílias e escolas.

Na Universidade Federal de Uberlândia, sempre me atribuíram o componente curricular de estágio. Inicialmente, os estágios que eu ministrava ocorriam sempre no Museu Universitário de Arte (MunA). Como não havia um departamento de ações educativas no Museu nesse período, eu acabei assumindo tal cargo no Museu e voltei a realizar um trabalho que tinha marcado o princípio da minha carreira, e do qual eu gostava muito: a educação em museus de arte.

Por cerca de seis anos, tentei construir

um setor que pensasse educação no Museu Universitário. Iniciei desenvolvendo ações propícias a criar uma ambiência para os estágios da licenciatura em Artes Visuais, incluindo os alunos do estágio.

Eventualmente, havia também a contribuição de estagiários do Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX), mas os estagiários remunerados eram poucos e em quase todas as coordenações eles ficavam mais para outras funções (design e montagem de exposições). Coordenava então a programação de oficinas no Museu, eventos para professores, parcerias com as escolas próximas e ações de férias⁶¹.

Também, foi no intuito de ter mais verba que escrevi um projeto de PIBID, o qual centrava suas ações na parceria escola-museu, foi aceito, mas só pude atuar nele por três meses, porque

⁶¹ Realizei também alguns projetos para públicos de dança dentro do MUnA. O Museu está localizado entre várias escolas de dança da cidade. Um deles pode ser conferido no artigo, ARSLAN, L. M. A.; SILVA, P. C. V. Estar presente no museu: improvisação em dança em relação a exposições de artes visuais. *Em Extensão*, Uberlândia, v. 18 n. 1, p. 215-229, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/44119/26942>. Acesso em 2 jun. 2025.

Os vídeos a seguir mostram um trabalho de dança realizado em diálogo com a exposição do Museu: MANHÃ TOTAL - Hoje acontece o espetáculo "Corpos (in)Dóceis" no MUnA, vídeo (4:33m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CecDxYIyTSc&list=PLB4U4cLdPyeVjwrwlKvuFrMQjg0XsYkHH&index=2>. Acesso em 3 jun. 2025; Corpos Indóceis, vídeo, (5m) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EywacpqYNY0&list=PLB4U4cLdPyeVjwrwlKvuFrMQjg0XsYkHH>. Acesso em 3 jun. 2025.

logo recebi a bolsa para cursar pós-doutorado no exterior.

De modo geral, os estagiários do Curso de Artes Visuais participavam de 60 horas de formação específica para o trabalho de ação educativa e depois desenvolviam diversos programas de mediação entre os diferentes públicos e as exposições do Museu. Os cursos aconteciam na oficina do Museu e promoviam, além de técnicas de pintura, fotografia e desenho, a reflexão sobre a arte contemporânea exposta no lá. Todas as oficinas eram gratuitas⁶².

Por ocasião deste memorial, eu revisei um relatório, conforme o qual, só no ano de 2009, atendemos cerca de 190 alunos nos diferentes cursos livres ofertados no Museu: 3 cursos de fotografia, 4 cursos de arte para crianças, 2 cursos de desenho e 2 cursos de pintura para adultos e terceira idade. No ano de 2010, abrimos vagas para os cursos de arte para crianças e desenho para jovens e adultos. No mesmo ano, o Museu iniciou uma parceria com as escolas vizinhas ao Museu: a

⁶² CURSOS MUNA 1, vídeo (2:44). Disponível em: <https://youtu.be/pj8TjKMgf4?si=Gd00l18B85uPSV6y>. Acesso em 4 de junho de 2025; MANHÃ TOTAL Uma noite no museu projeto une aprendizado e diversão, vídeo (4:55) Disponível em: https://youtu.be/suH0EsHAYEM?si=iqM_JdVrsot0AOf5. Acesso em 4 jun. 2025; CURSOS MUNA 2. Video (1:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vlnWEeZ-Y0>. Acesso em 4 jun. 2025.

Escola Estadual de Uberlândia (Museu) e o Reneé Gianetti. A partir desta ação, cerca de 240 alunos dessas escolas participaram de um programa que incluiu visitas à exposição, oficina e uma exposição na escola. Também promovemos o "Férias no Fundinho", que ofereceu oficinas de arte e sessões de cinema para a garotada.

Durante os anos a frente do setor educativo do MUnA, a minha rotina compreendia o trabalho de um educativo de museu – sem funcionários: organizar a agenda de cursos e visitas do Museu, fazer revisão dos materiais de apoio do museu, escrever **press release** para divulgação, atuar nas frentes de divulgação, providenciar autorização (no caso das crianças), fichas de inscrição e certificados, orientar e supervisionar os estagiários.

A ausência de qualquer histórico de ações educativas anteriores me fez abrir uma linha de orientação no Programa de Mestrado em Artes, e foi através dessas pesquisas de mestrado que orientei que fomos criando pistas para entender como poderia se dar um educativo naquele Museu⁶³.

⁶³ Segue a lista dos trabalhos de mestrado orientados por mim e que versavam sobre questões relacionadas à educação no Museu Universitário de Arte: TOMAZ, M. V. **Além da visão**: mediações na experiência estética. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arte na Univer-

O meu trabalho começou a ficar mais tenso no Museu quando algumas das coordenações flutuantes dele começaram a desvalorizar o trabalho educativo: desmontando os arquivos físicos das ações do educativo, impedindo o acesso de pessoas e, inclusive, propondo que as aulas de estágio não ocorressem mais no lá (mas somente as práticas de estágio (...)).

Desde que trabalho no Curso de Artes Visuais, a coordenação do Museu (ao contrário da coordenação de Curso) é o único cargo ao qual sempre há um candidato, para o qual não há sequer a necessidade da criação de listas (para mim inelegíveis) para assunção: sempre tem alguém desejando assumi-lo, por ser uma instituição que empresta ao seu coordenador certo status. Foi só aos poucos que fui compreendendo que, para muitos professores, a ação educativa era vista como um "serviço", o qual deveria responder às

sidade Federal de Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19761>. Acesso em 4 jun. 2022; FONSECA, Alice Registro. Mediações em exposições no MUnA - Museu Universitário de Arte. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12323>. Acesso em 4 jun. 2024; MOURA, A. B. de A. e. Públicos espontâneos no museu universitário de arte - um estudo sobre a relação dialógica em uma exposição. 2013. 256 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12315>. Acesso em 4 jun. 2024.

demandas advindas do coordenador do Museu. Com o passar do tempo, ficou mais evidente que o entendimento de um trabalho educativo dentro do museu era dado como de menor importância, inclusive não sendo pontuado como outros cargos eram.

Tentei em inúmeras reuniões explicar que não poderia haver distinção na valorização destes trabalhos: expliquei que, num Museu, tanto trabalham o coordenador quanto os educadores, que eles, de forma distinta, dedicam a mesma carga horária ao Museu, inclusive. As responsabilidades de estar à frente de um educativo, lidar com públicos diversos, crianças (podendo contar só com a ajuda de estagiários não remunerados), exige tanta ou maior preocupação quanto lidar com um patrimônio físico. Assim, após lidar com muitos coordenadores, os quais tinham perfis distintos, acabei por me afastar do educativo do Museu, e nada resta de documentação lá sobre tais trabalhos. Inclusive todos os materiais desenvolvidos foram para o lixo-literalmente: quando voltei de férias, vi desmontada a gaveta do pequeno arquivo que estava a montar sobre o edifício do Museu. Felizmente é possível encontrar algo sobre o educativo (a história,

inclusão e estudo de públicos do Museu, no repositório da UFU, pois enquanto coordenadora também orientei três trabalhos de mestrado relacionado ao Museu).

Dentre as coordenações, devo fazer duas menções: a Professora Nikoleta, que era muito parceira e apoiou a atividade Noites no Museu, que ocorria nas sextas feiras à noite, e Yoga no Muna, e também o Renato Palumbo Dória, que me oportunizou realizar uma curadoria educativa, "Pequenos olhares sobre o acervo do MUnA". Essa curadoria, a única que fiz no MUnA, apresentou obras selecionadas por crianças a partir de visitas realizadas à reserva técnica – onde fica guardado o acervo. A ideia de convidar as crianças para escolherem as obras partiu do pressuposto de que as obras indicadas estariam mais próximas do "gosto infantil". A seleção mirim foi criteriosa e incluiu um significativo grupo de artistas: Volpi, Di Cavalcanti, Babinski, Nelson Leirner, Cláudio Mubarac, entre outros. Participaram da escolha das obras crianças de diferentes bairros e escolas de Uberlândia: Iasmin Resende Barroso (8 anos), Isabela Celeste Brito Ribeiro (9 anos), Cássio Cunha da Silva (8 anos) e as irmãs Ana Giulia e Yasmin. Yasmin

Bartolozzi de Almeida (7 anos). O projeto da exposição, elaborado em parceria com Glayson Arcanjo, propôs maior interação com as crianças: as obras foram dispostas em uma altura mais baixa e também vários desenhos criados pelas crianças projetam-se no espaço expositivo.

14.

Estágio na Graduação: Arteiros

Uma das vantagens em ser docente de estágio é poder trabalhar com práticas da vida, com fazeres que envolvem a comunidade e que estão para além dos muros da universidade. Lidar com gente que está fora da **bolha** (como dizem) da Universidade.

Sem acontecer mais no Museu, o estágio que eu ministro na UFU e que se dá fora das escolas, expandiu-se para outros espaços a serem pesquisados e pensados durante o semestre: igrejas, centros culturais, clubes, condomínios, casas de repouso, hospitais, quartéis de congado, assentamentos, escolas livres, parques, casas noturnas etc. Como eu tinha mais experiência profissional com educação em museus de arte

(pois trabalhei por três anos em dois museus em São Paulo), fiquei um pouco sem chão com a mudança.

Para complicar, após a pandemia, a UFU organizou um calendário de reposição, mais encurtado e sem férias (praticamente). Com esse calendário, os alunos mal conseguiam encontrar uma instituição e propor algo durante um semestre. Assim fui assumindo também a tarefa de encontrar e contatar, ainda no período de recesso, os lugares de estágio. Consegui, no ano 2023, uma parceria com o SESC-Uberlândia, onde um ex-aluno, ex-estagiário meu, Henrique José Pareja Filho estava a atuar como analista cultural. Num outro semestre, fizemos estágios em muitos locais: até mesmo numa petshop, onde um aluno propôs um trabalho de fotografia, **Eu e meu pet**, com base em vários retratos da Arte Ocidental, na qual o retratado figura com seu animal de estimação (e isso é quase um gênero).

Em 2024, soube que uma aluna (a Malu Teodoro) havia criado um grupo de "Mães da UFU". Então, ainda no semestre anterior à proposta, conversei com ela sobre a ideia de fazermos um projeto de oficinas para crianças na sexta-feira à noite, pensando principalmente em receber os filhos de servidoras e alunas da UFU, mas que também fosse

aberto a outras mães da comunidade.

A aluna gostou da ideia e, inclusive, adiantou seu estágio. As duas turmas de estágio toparam, e assim fomos.

O projeto foi denominado coletivamente como Arteiros⁶⁴.

Durante seis sextas-feiras, uma média de 20 crianças por noite encheu nosso edifício de vida. Fui notando que a transformação do espaço, com as cortinas de crepom, sugeridas pelos alunos, assim como o espaço aberto e sem carteiras, ritualizava cada vez mais o nosso encontro com as crianças e nos ajudava a construir um clima de oficina-festa: um corpo brincante, meio ritualístico. E ao final de cada Arteiros, eu sentia uma sensação de exaustão e alegria – assim juntas. Aos poucos, nossos encontros estavam ocupando quase que o edifício inteiro. Transformamos um corredor frio do edifício no **espaço da caverna**.

Tivemos press release, instagram atualizado semanalmente com as oficinas da semana, divulgação na Rede Globo de Televisão e até um

⁶⁴ Segue material de divulgação de Arteiros. Disponível em Instagram: https://www.instagram.com/reel/C4qlYWGxORO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA== acesso em 3 jun. 2025.

livro a ser organizado pelas alunas!

A energia parecia fazer crescer os espaços internos e externos.

E como a gestão do projeto foi coletiva, pude sentir em muitos momentos o que significava participar de uma comunidade de aprendizagem, principalmente quando podia ver as soluções divertidas para o nosso projeto.

Em relação às oficinas oferecidas no projeto, procurei, inicialmente, mais do que exigir planos de aulas extensos, cultivar um prazer de estar com as crianças, uma vontade de estar junto.

Observei que as crianças riam muito, os estagiários riam mais, e todos se divertiam até quase as 22 horas, quando a pipoca e banana entregues ao final eram comidas como se fossem brigadeiros!

As relações sociais de corpos leves, interessados e afetuosos foram, na minha opinião, essenciais para o sucesso do projeto. Tivemos **perrengues** também, alunos discutindo durante as avaliações e planejamento das oficinas, teve aluno me chamando de chata, teve criança vomitando... ralos de banheiros retornando águas coloridas das lavagens das mãos. Contudo, administrar

um projeto pedagógico em um grupo de quase 30 estudantes em formação, 20 crianças por semana, seus pais etc. não poderia ocorrer sem atritos e sem discussões. Notei também, nesse sentido, que é quando se oferece espaço que os atritos ocorrem e que é através deles que podemos aprender. Não é possível evitar discussões quando se abre para a diversidade num coletivo desejante.

Um projeto como esse perpassa muitas vidas.

Embora eu tivesse apresentado a ideia inicial: ela não tinha nome, não tinha formato, não tinha nada..., tudo foi sendo construído num coletivo que acabou destacando uma grande aprendizagem: a de estarmos juntos. Esse contato entre seres humanos, que se expressam em suas particularidades e revelam toda a diversidade de suas existências, atravessa-nos na vida universitária: experienciar esse contato entre os seres é parte da educação, na qual acredito.

Meu desafio é não me anestesiar nas instituições de ensino, é promover o ensino de uma atenção acolhedora, capaz de minimizar as violências que surgem nos conflitos da diversidade. Na prática docente, estar presente,

com o corpo aberto, significa aceitar todas as vulnerabilidades de uma relação deshierarquizada. Isso já pressupõe subversão num ambiente onde os títulos e as posições marcam hierarquias acadêmicas.

Parafraseando John Dewey⁶⁵, a vida pode acontecer na sala de aula e não ser apenas um preparo para a vida que virá depois. A vida deve estar lá.

⁶⁵ A frase original é "I believe that education, therefore, is a process of living and not a preparation for future living" que está presente no segundo artigo do ensaio **My Pedagogical Creed de Dewey**. Eu tenho um pdf deste texto, sem referência, mas segue uma referência da citação que encontrei: DEWEY, J. **My pedagogic creed**. Chicago, A. Flanagan, 2010.

Referências

AMARAL, L. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópoles: Vozes, 2000.

ARAUJO, M.; CHAVARELLI, P.; ARSLAN, L. M. Conexões em rede: experiências na composição improvisada em dança. **Anais do Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas vinculado à Jornada Internacional Atuação e Presença organizado pelo LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Unicamp e pelo PPG Artes da Cena - IA - Unicamp**, v. 1, p. 1-12, 2022.

ARSLAN, L. M.; NUMER, C. P. **Dizer inteiro sem nenhuma palavra (um livrodança)**. Uberlândia: Sabiá Livros, 2025.

ARSLAN, Luciana Mourão. **Danças para vestir o pensamento**. Invisíveis Produções: São Paulo: 2023. Disponível em https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/danc_as_para_vestir_o_pensamento_14. Acesso em 3 jun. 2025.

ARSLAN, L. M.; RAMOS, J. S. (org.). **Improvisação em dança: criação, composição e performatividade**. Regência e Arte Editora, Uberlândia, 2020.

ARSLAN, L. M.; CAON, P. M. (org.). **Navegar pelas danças que nascem das palavras**. Regência e Arte Editora: Uberlândia, 2023.

ARSLAN, L. M. Coreografias para ler Paulo Freire. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 43, n. 93, p. 175-192, 2025. Disponível em <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/1063>. Acessado em 2 jun. 2025.

ARSLAN, L. M. Educação da sensibilidade, dez limões e um balde na mão. Publicação contínua /Dossiê - Caminhar e habitar: arte e educação no espaço urbano- (2023): **Revista Digital do LAV**, Jan./Dez, 2023. Disponível em : <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84111/61766>, acessado em 2 de junho de 2025.

ARSLAN, L. M. **Corpo (sentido):** corporeidade e estesia nos processos de ensino-aprendizagem. Uberlândia, MG : Regência e Arte Editora, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1lk8cxZbSVVCRGhSuDgWJmWxHe3uUAdjI/view> , acesso em 3 de junho de 2025.

ARSLAN, L. M. **O artista que sobrevive:** incursões profissionais dos artistas plásticos paulistanos, recém - formados, no início do novo milênio. Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Sao Paulo, 2002.

ARSLAN, L. M. **Formação e trabalho em artes visuais:** a sobrevivência do artista. In: ARSLAN, L. M.; MELO, R. M. de (org.). Artes visuais e educação: ensino e formação. Uberlândia: Edufu, 2017. Disponível em: https://edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_artes_visuais_2017_1.pdf.

ARSLAN, L. M. Ensino de arte na perspectiva da Somaestética. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 563-575, set./dez. 2018.

ARSLAN, L. M. Yoga no Museu: somaestética e ensino de arte. In: Seminario internacional de investigación en arte y cultura visual, 2017. **I SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTE Y CULTURA VISUAL**, 2017. v. 1. p. 883-889.

ARSLAN, L. M. Yoga, arte e educação ambiental: uma proposta de ensino a partir da atenção à soma (corpo). In: SILVEIRA,

C. A.; SAMPAIO, D. S.; ARSLAN, L. M. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DO AUTOCUIDADO**: uma visão transdisciplinar, RB Editora, 2018.

ARSLAN, L. M. **Amadores da Arte**: práticas artísticas em cursos livres de pintura da cidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Marcia Nagem Frota et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CLIFFORD, M. Amos. **Your guide to forest bathing: experience the healing power of nature**. Expanded ed. York Beach: Red Wheel/Weiser, 2021.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

FERNANDES, C. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração. **ARJ - Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 76-95, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>. Acesso em: 2 dez. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LEPECKI, A. **Coreopolítica e Coreopolícia**. *Ilha (Revista de Antropologia)*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

- LI, Qing. **Shinrin-yoku: the art and science of forest bathing**. Londres: Penguin Books, 2018.
- LUZ, G. A.; PAREJA FILHO, H. J.; BARROS, C. S.; ARSLAN, L. M. **Cuidados silenciosos no zumbir da educação: integração corpo-mente-cultura no processo de ensino aprendizagem**. Uberlândia: Regência e Arte, 2022.
- LONGHURST, Erin Niimi. **Japonisme: ikigai, forest bathing, wabi-sabi and more**. Londres: Harper Thorsons, 2018.
- MIYAZAKI, Yoshifumi. **Shinrin-yoku**. Lisboa: Albatroz, 2018.
- ONO, Yoko. **Grapefruit**. Nova York: Simon & Schuster, 2000.
- PUNTONI, Geraldo Vespasiano. "Vamos dizer que está tudo bem para não ter de explicar!". **pós**, v. 18 n. 30, São Paulo, dez./2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/posfau/article/view/43760/47382>. Acesso em 3 jun. 2025.
- RAMOS, Jarbas Siqueira. O corpo-encruzilhada como experiência performativa no ritual congadeiro. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, n. 2, 2017. p. 296-315.
- SANTANA, Gabriela Santos C. A improvisação desde as corporeidades afrodiáspóricas que jogam, dançam e lutam. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança PPGDança - UFBA**, v. 7, n. 1, jul./dez. 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- WEBER, Max. **Ciência e política**. São Paulo, Cultrix, 1985.

Agradecimentos

Esse texto contou com a ajuda de muita gente.

Gostaria de agradecer a essas pessoas: à professora Ivete Batista da Silva Almeida do INHIS-UFU, que me sugeriu leituras para a melhor compreensão dos termos decolonialismo, contracolonialismo.

Aos leitores de versões preliminares: Suely Medeiros Mourão (minha mãe), Juliana Soares Bom-Tempo (psicóloga e minha ex-professora). Também à Carlinha, minha revisora e acompanhante de escrita.

Aos integrantes dos grupos de pesquisa SOMA: ações transdisciplinares (Ana Marta de Sousa, Adilson José de Assis, Guilherme Amaral Luz, Mônica Camargo Sopelete, Diana Salles Sampaio, Cristiane Amaro da Silveira) e ao Substantivo Coletivo (grupo de dança vinculado ao Núcleo

de Estudos de Improvisação em Dança); Solange Almada, a Rosana Artiaga, Patricia Chavareli, Milane Natália , Mariane Araujo, Jarbas Siqueira Ramos, Paulina Maria Caon, Wesley Claudino.

Aos secretários e técnicos do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (especialmente aos mais próximos, Fernando da Cunha Freitas, Maycon Dennis Henrique de Souza, Alex Dorjó Gomes Penido e Marta Helena Rosa da Silva) e ao diretor Jarbas Ramos Siqueira pelo apoio para lidar com todas as questões burocráticas.

Aos artistas do Instituto Nascente Artes e Utopia (NAU), Nirlyn Seijas, Hugo Leonardo, Conrado Falbo e Liana Gesteira, por compartilharem suas redes de saberes da cidade de Palmeiras localizada na Chapada da Diamantina, e por me fazerem acreditar novamente no ativismo coletivo (infelizmente não houve tempo de incluir aqui tais experiências, mas elas estarão presentes nas próximas publicações).

À Tassiana Borges Silva, que me emprestou sua casa em Sibaúma por dois meses e por me oferecer

um pouquinho de sua juventude, de sua beleza e me acolher na sua caminhada. À Cristiane Amaro da Silveira que me ajudou muito a cuidar dos meus gatos que adoeceram durante o processo de escrita. Ao Guilherme Amaral Luz, que escuta sobre meu memorial desde uns dois anos antes, quando, por me enganar com os números, eu achei que já estava apta a defender. À Raquel Salimeno de Sá, pela parceria de cela, por ter se juntado a mim nos primeiros anos de atuação na UFU, por ter sido parceira de batalhas enormes, até que desistimos, ambas, de brigar no vazio!

À Lucila Losito Mantovani, escritora, artista do corpo e coordenadora de residências artísticas em Santo André (Cabrália), na Bahia, que compartilhou muito do seu conhecimento sobre residências artísticas e abriu-me um leque de possibilidade de pensar formas de aprendizagem "fora da caixa". À Branca de Santo André, que foi acolhedora, me recebeu em sua vida e me ensinou coisas que ainda não sei nomear, mas que enchem meus olhos de lágrimas, à Lidileine, do restaurante Point de Sibaúma, aos professores de Capoeira Pinguin de Sto André-Bahia e à Alice do Girarte de Sibaúma.

À minha mãe, que sempre cultivou a liberdade e a independência na nossa relação, através de ações e não somente no discurso e ao Paulo Soares Augusto, companheiro de vida, que me acompanha na presença e me apoia nas ausências (além de lavar toda a louça, me levar para cima e para baixo com seu carro, me fazer rir nas noites menos convidativas ao riso).

Ao programa de Pós Graduação em Artes e Cultura Visual e ao Thiago Fernando Sant'Anna e Silva por me acompanharem no estágio de pós doc que se amalgamou nas reflexões e escritas deste memorial.

Finalmente, agradecer à Christine Engelberg, que discutiu horas sobre o projeto gráfico deste memorial, mesmo sem fazê-lo. Ao Eduardo Moraes Warpechowski pelo projeto gráfico e à Sabiá Livros pelo trabalho de edição.

É muito bom ter gente perto.